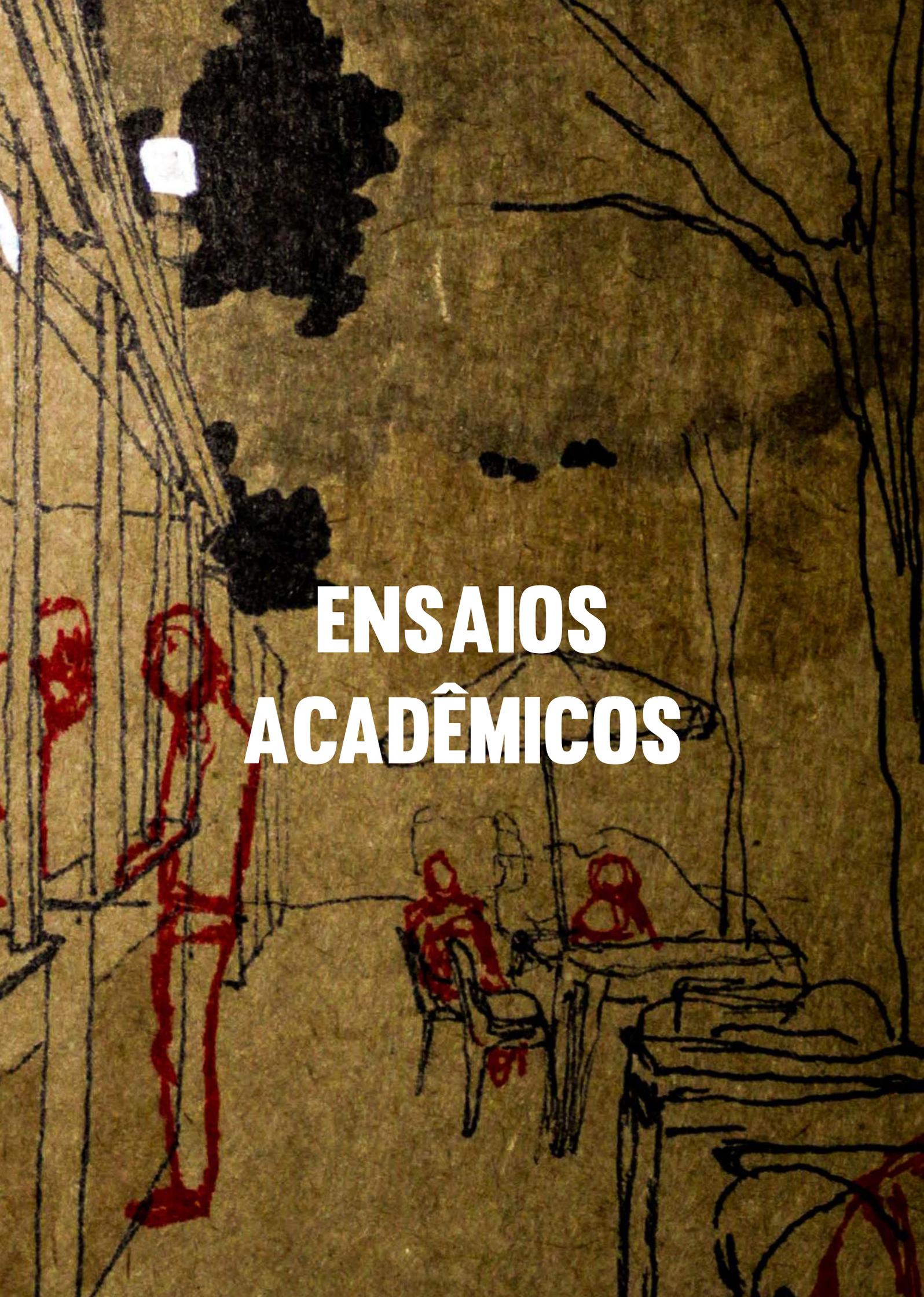




03

An abstract drawing on textured, aged paper. The drawing features black ink lines and red ink outlines. On the left, there are vertical lines suggesting a structure or a wall. In the center and right, there are several figures or shapes outlined in red, some appearing to be seated or standing. There are also large, dark, irregular ink blotches in the upper left and center. The overall style is gestural and expressive.

# ENSAIOS ACADÊMICOS

# CONCURSO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA PARA HABITAÇÕES EM MUMBAI – MUMBAI MIXED HOUSING

RUNNER UP | Segundo lugar

Antonio Fabiano Junior, Letícia Sitta,  
Marina Violin, Raissa Gattera, Thais de Freitas

## MEMORIAL

Uma cidade constituída pelo desenho da concentração de renda e pela construção sobre a luta por habitação. Dois mundos, duas realidades dadas por diferenças de oportunidades e espaço. Cada porção dessa cidade dual tem sua lógica e dinâmica urbana próprias, cujo acesso às infraestruturas advém de um processo histórico desigual de distribuição de direitos e oportunidades. Entre eles um vazio que, por meio de sua permanência é transformado em dispositivo projetual de conquista de espaço de direito que reforça a ideia de vitalidade, diversidade e pluralidade urbana na regularização de cidadania e na transformação da cidade em espaço de experiência social.

Respeitar o vazio é um ato de resistência.

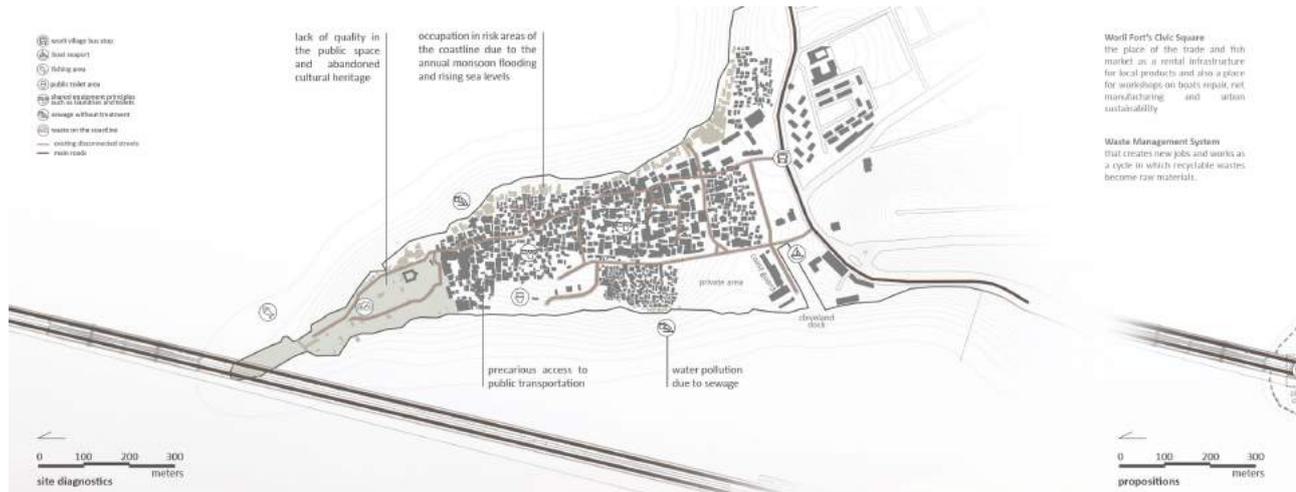
Nesta lógica, o trabalho coloca o campo da arquitetura como prática de sonho e construção capaz de enxergar no vazio condição de sociabilidade e revela, numa inversão de paradigma, a utilização dos baixos da ponte para programas de vida, transformando a linha infraestrutural da cidade em lugar expansível de experiência de cidadania. A ponte, elemento mo-

nofuncional sobre o mar, ganha potência múltipla de habitabilidade. O que se faz como urgência através da apropriação de espaços residuais é partido em busca da vocação da cidade em existir de forma plena e plural. Como os pescadores de Worli que enxergam o mar como sustento da vida, o projeto inclui a água no todo urbano, não somente como infraestrutura, mas como cultura habitável.

Assim nasce a linha sistêmica e expansível de abrigos que, verticalmente, liga as pessoas ao transporte coletivo por terra e aos pequenos barcos que nadam pelas águas. Junto a eles vazios em escalas múltiplas, dos pequenos pátios das habitações que recebem varais coletivos numa conexão direta ao desenho vernacular das casas que a história desenhou às pequenas pracetas criando pontos nodais de convívio. Na sua cobertura, entre o ar que circula por entre as casas e pequenos comércios locais que nascem por entre a estrutura de madeira e ferro, e a ponte, um grande parque livre, como um teto que une através da observação da vida o desejo de formar traço de cidade em linha múltipla e infinita, livre e viva, festiva e pulsante como chamamento que incita reflexão e ação à procura de um mundo justo para todos.







**Wadi Fore's Civic Square**  
the place of the trade and fish market as a rental infrastructure for local products and also a place for workshops on boats repair, net manufacturing and urban sustainability

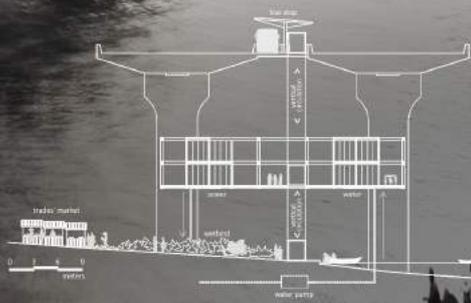
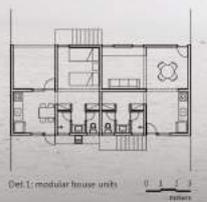
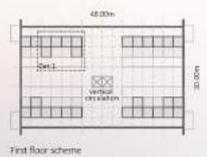
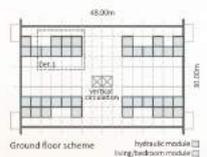
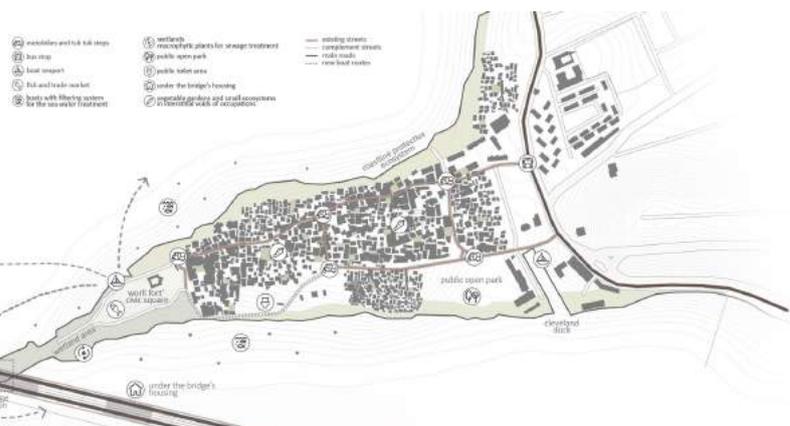
**Waste Management System**  
that creates new jobs and works in a cycle in which recyclable wastes become raw material.



A city traced by the design of unequal income distribution and built over the struggle to the right of adequate housing for all people. Two worlds, two realities given by differences of opportunity and space. Each part of this dual city has its own urban logic and dynamics, whose access to the infrastructures comes from a historical process of uneven distribution of rights and opportunities. Between them, an emptiness that, through its permanence, is transformed into a design tool to conquer the right to the space and citizenship, reinforcing the idea of vitality, diversity and urban plurality in the land regularization process, transforming the city into a place for social interaction. Respecting the empty space is an act of resistance.

In this way, the project places architecture as a capable device of perceiving the urban social potential in unused places, as a dream practice and construction capable of seeing in the empty a condition of sociability and reveals, in a paradigm shift, the use of the bottom of the bridge for life programs, transforming 'the life under the bridge' - a city's infrastructure-line - into an expandable place of citizenship experience. The bridge, a monofunctional element over the sea, achieves multiple habitability power. The urgency through the appropriation of residual spaces aims to respond the city's vocation to exist in a plentiful and plural way. Just like the fishermen who see the sea as life support, the project includes water in the whole program, not only as an infrastructure, but as a habitable culture.





This is the foundation of the systemic and expandable line of shelters that, vertically, connects people to collective passenger transport over the bridge and to small boats over the water. Next to them, empty at multiple scales, from the small courtyard of houses that receive collective clothes lines in a direct connection to the vernacular architecture, to the small squares creating nodal points of conviviality, providing a comfortable and familiar living environment. In its roofs, between the bridge and the air that circulates between the houses and the small local trades among the structure of wood and iron, is a large free park, as a ceiling that unites through the observation of life the desire to form a city's trace in a multiple-and infinity line, free and alive, festive and pulsating, as a call that incites reflection and action in a search for a fair and equitable world for all.

# territory-line of citizenship





Letícia Sitta, Marina Violin, Thais de Freitas  
10º semestre Arquitetura e Urbanismo  
Raissa Gattera, arquiteta e urbanista formada  
Prof. Me. Antonio Fabiano Junior  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
PUC Campinas

Em memória de Marina Violin.  
A Equipe Editorial deixa seus  
mais sinceros sentimentos aos  
familiares e amigos.

# RESTAURO NO COMPLEXO DA FEPASA EM CAMPINAS, SP

Trabalho desenvolvido para a disciplina de Projeto F da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Amanda Macarini, Bruna Terreri, Gabriel Beneduci, Giovanna Degaspero e Luiza Yuri

## MEMORIAL

Ao analisar o contexto urbano onde a área de intervenção está inserida, optou-se por desenvolver o projeto de restauro com o programa de uma creche. Tal relação estabelece uma possível conexão entre os fluxos gerados pelo terminal rodoviário e central e a vila operária, conectando-os com a área da FEPASA e articulando principalmente a vila, onde existe um grande desnível em relação à área de projeto.

A creche atende crianças de 03 meses a 05 anos e é composta pelo “antigo” (galpão existente) juntamente com o “novo” (anexo proposto). Além do programa convencional de salas, optou-se por concentrar áreas de convivência e de atividades livres para fazer a conexão entre os dois elementos construídos. Com o intuito de desenvolver várias experiências sensoriais, o programa ainda oferece salas de artes, música, cozinha, horta, cada uma com um ambiente desenvolvido para promover o contato com diferentes texturas e relação de sol/sombra.

Os pavimentos do galpão existente surgiram com a intenção de criar vários pés direitos em um só edifício. Separados em berçário (segundo pavimento), patamar intermediário de entrada (primeiro pavimento), salas do maternal e primário (térreo) e diretoria (subsolo). A conexão com o anexo é feita pelo playground externo (subsolo), onde a diferença de altura com o nível da FEPASA cria uma barreira para trazer mais segurança para as crianças. Ainda no subsolo concentraram-se as atividades citadas anteriormente mais o refeitório e no pavimento superior as salas de artes e música. A cozinha infantil e horta se localizam no mesmo nível, mas na parte externa.

Para desenvolver um traçado e desenho das elevações do anexo, foi necessário fazer um estudo das fachadas do “existente” e transferir esse resultado para o desenho do “novo”. As aberturas seguem um mesmo ritmo e juntamente com outros elementos de cobertura, os dois edifícios se interligam e percebe-se a harmonia visual entre ambos.



Figura 1: Implantação.

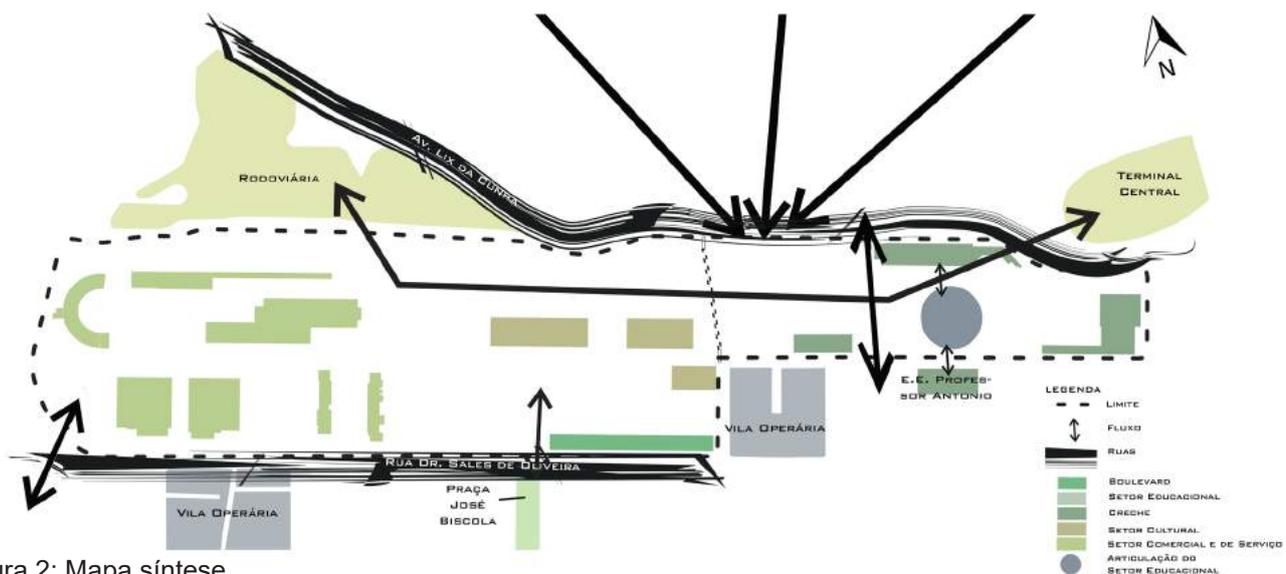


Figura 2: Mapa síntese.

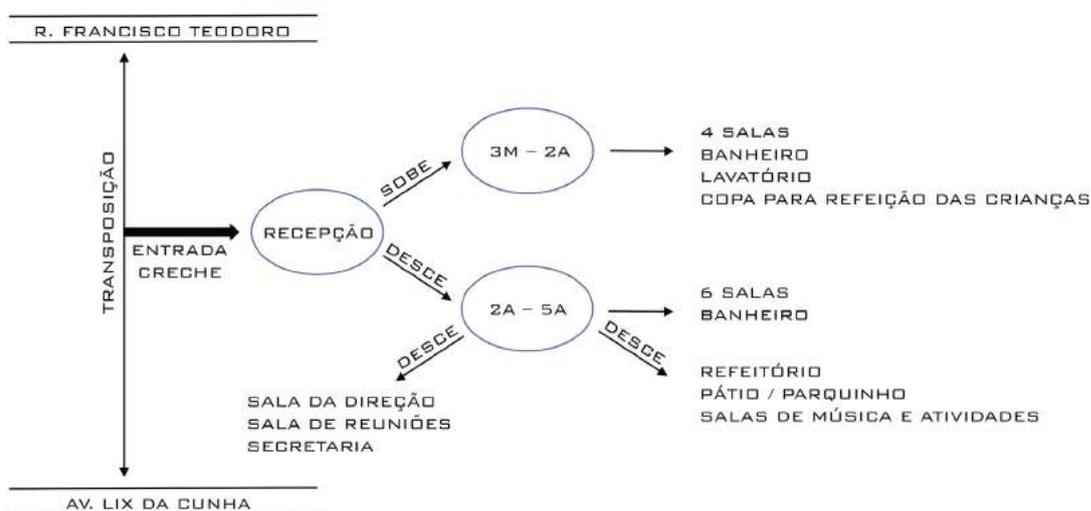


Figura 3: Organograma.

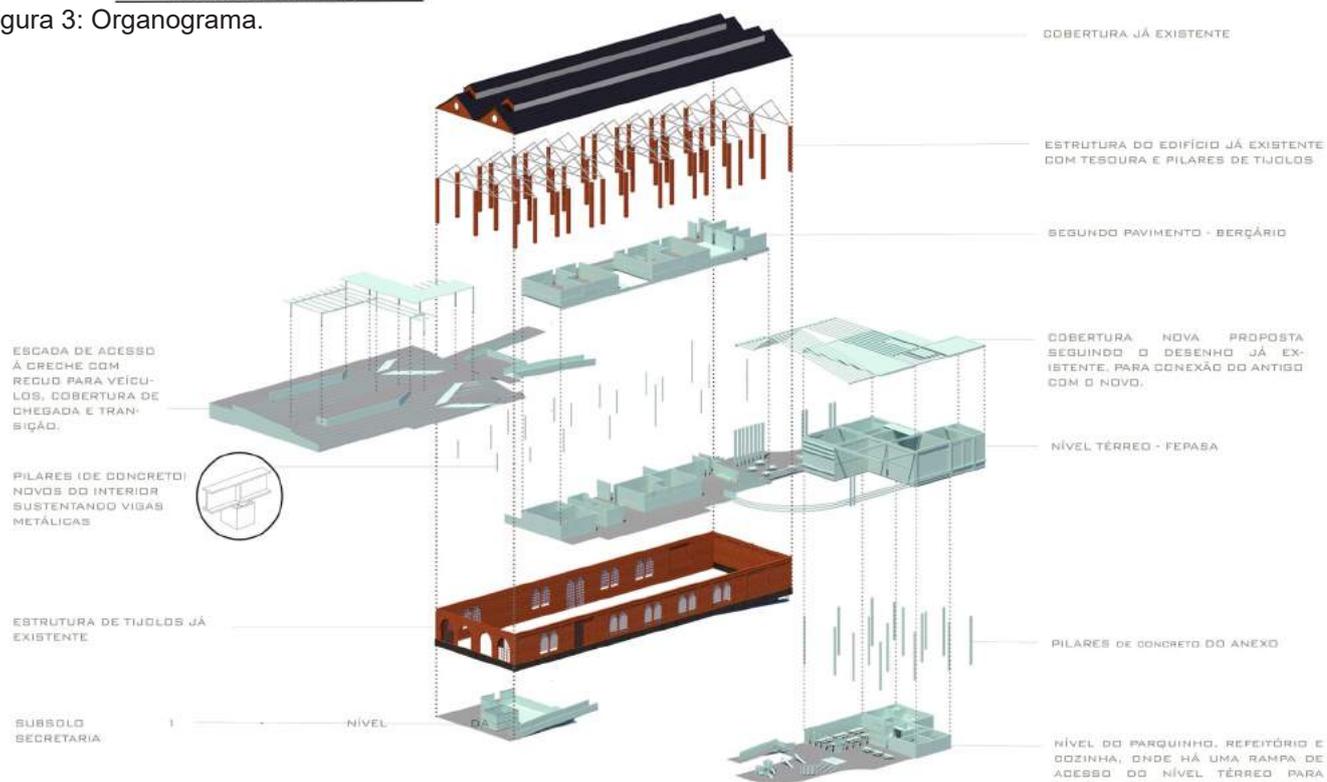


Figura 4: Projeto explodido.

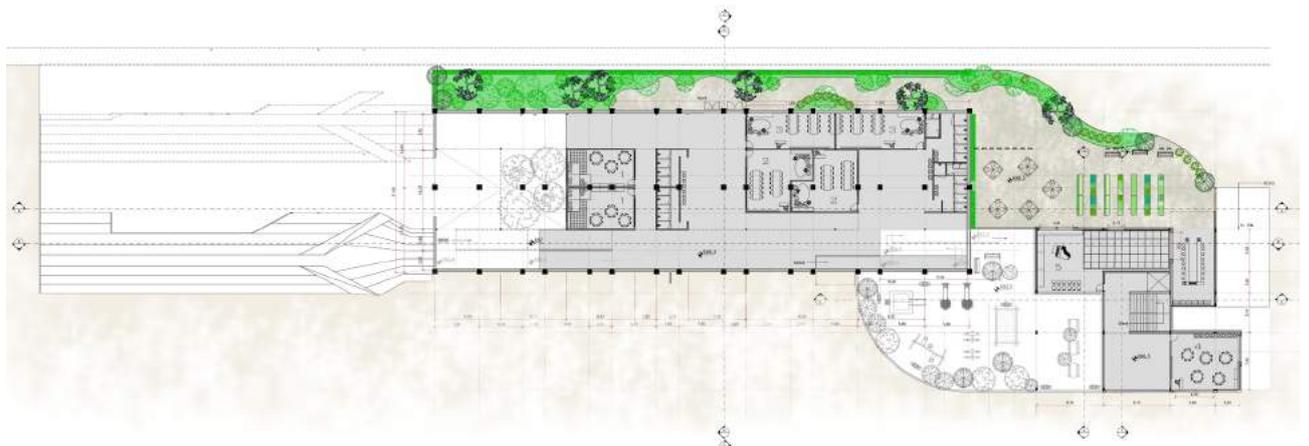


Figura 5: Planta Pavimento Térreo.

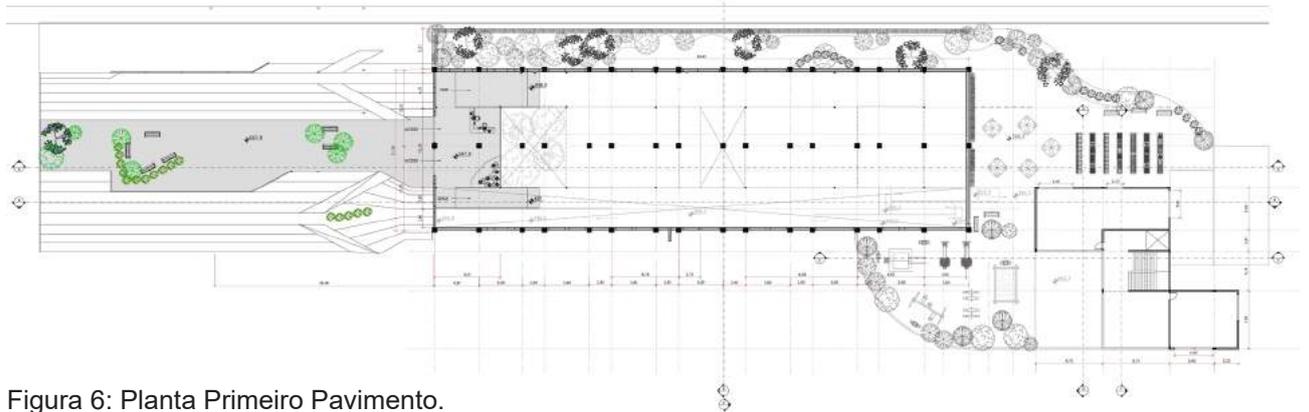


Figura 6: Planta Primeiro Pavimento.

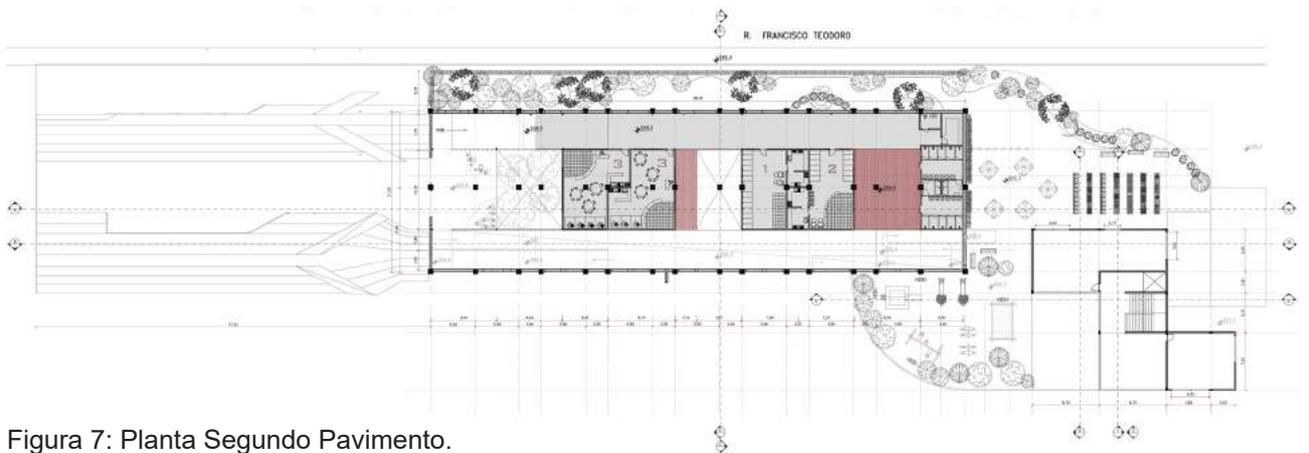


Figura 7: Planta Segundo Pavimento.

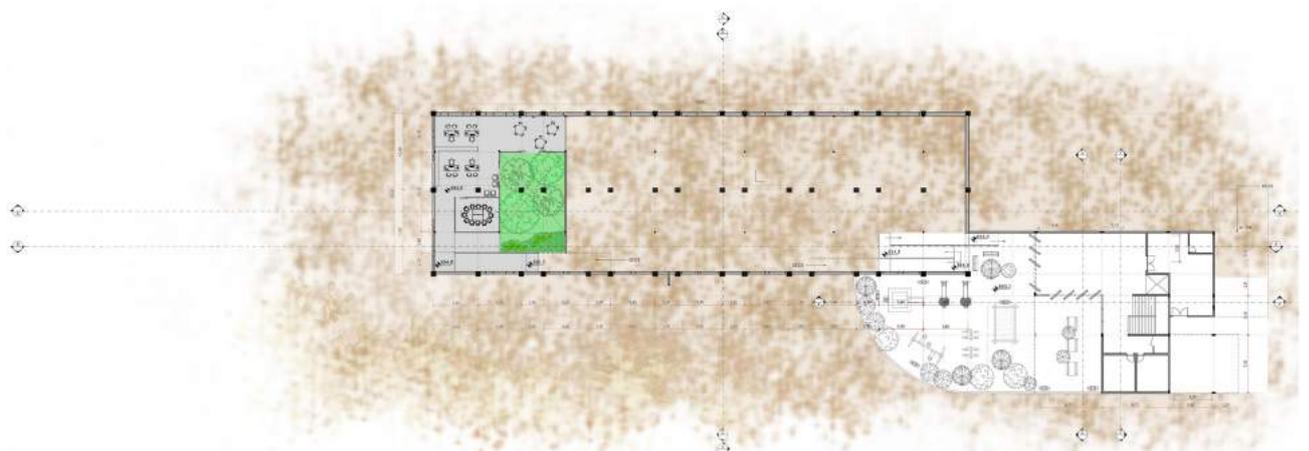


Figura 8: Planta Subsolo.



Figura 9: Corte Longitudinal (AA).

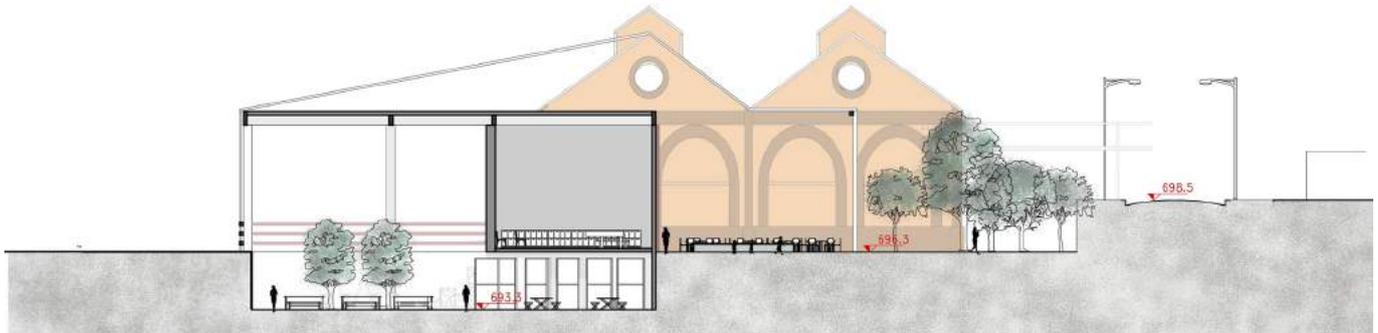


Figura 10: Corte Transversal (GG).



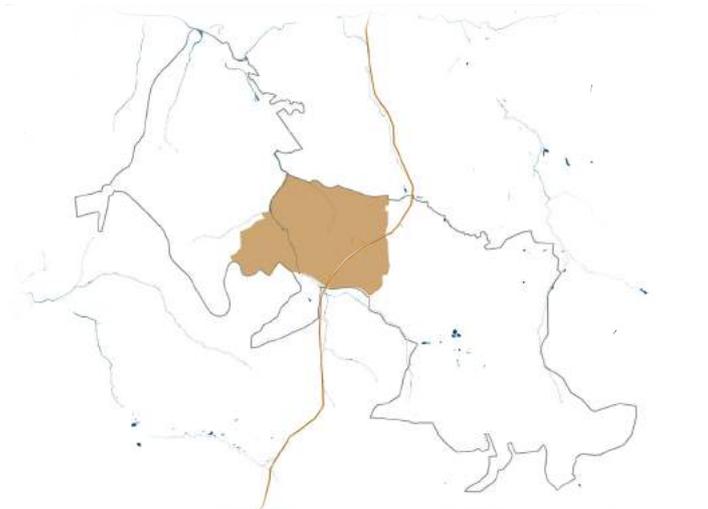
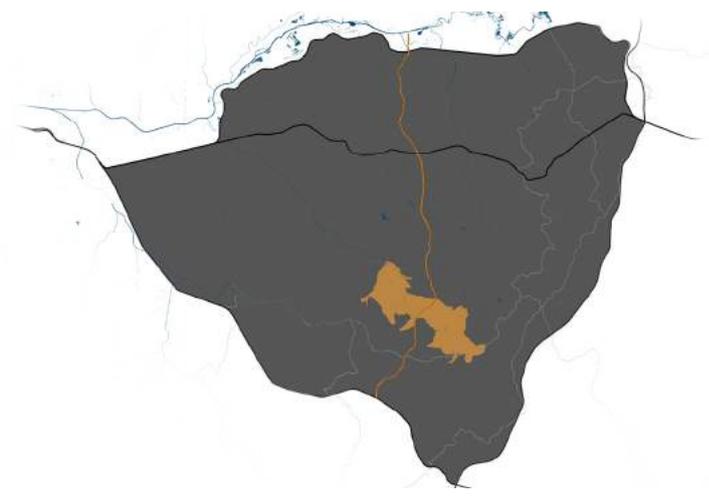
Figura 11: Elevação Norte.



Amanda Macarini, Bruna Terreri, Gabriel Beneduci,  
Giovanna Degasperi e Luiza Yuri  
6º semestre - Arquitetura e Urbanismo  
PUC Campinas

# VILA BELA | CASA PÚBLICA

Grupo TFG 2018  
Antonio Fabiano Jr. e Vera Santana Luz



Localização e Contextualização Vila Bela

vila bela: brasil, são paulo, zona leste 2.

região de forte histórico industrial; proletariado. abundante infraestrutura para a indústria, carros e caminhões. faltante para pessoas. estado ausente em educação, saúde, habitação, lazer; na celebração da vida. vila bela: ali está, mas àquele lugar não pertence. área desconectada da cidade; desconexa. ocupação em propriedade privada; assentamento informal. infraestruturas

são barreiras; bens são fuga. água vira esgoto; morre. mata vira lixo; morre. pessoas viram números. morrem. 20 anos de muita luta e pouca conquista. água, luz; hábitos. muita conquista.

o projeto é sobre o caminho do estar ao ser. não só estar ali, mas ali existir; resistir. práticas comuns são coletivas. lugares se juntam; pessoas também. espaços abraçam talentos, fazem viver, celebrar; a rua e as pes-

soas. a vida; a vila. a casa se torna pública, a cidade se torna casa. a cidade sonhada de todos, lutada para todos. como instrumento da constituição de cidadania. a cidade é de todos, para todos. a vida também. a vila também é bela.

#### \_ são paulo zona leste

vila bela está inserida na zona leste 2 de são paulo, uma região historicamente reconhecida pela presença marcante de indústrias e trabalhadores. a infraestrutura pensada para a grande metrópole falha ao tentar acompanhar o crescimento para leste da cidade, e até outros municípios, resultando na grande região metropolitana de são paulo, que hoje abriga cerca de 21,2 milhões de pessoas. planos de avenidas e transportes coletivos ineficientes não ajudam quando o trabalhador, dentro de uma mesma cidade, perde 4 horas por dia se locomovendo para o trabalho.

a densidade se torna tanta - resultado de um processo de expulsão das classes mais baixas do centro da cidade -, que surgem centros urbanos desconectados de todo o sistema existente. a vila bela se encontra ao lado de uma das maiores avenidas que cortam a zona leste: a jacú-pêssego, que surge no começo dos anos 2000 como um braço do rodoanel. uma cicatriz para a cidade, fruto de negócios violentos de quem não sofrerá com aquelas marcas. cicatriz como muitas outras, que dão a falsa impressão da busca por soluções de problemas característicos da periferia. o que acontece, e sempre aconteceu, é o esquecimento da classe trabalhadora, que move a cidade como um todo.

#### eixo férreo jacu-pêssego

o eixo férreo jacu-pêssego, junto à via expressa, surge como o primeiro ato, fazendo com que essa cicatriz urbana se volte para a população que mora nas margens da avenida, através de uma estrutura de transporte de cargas e pessoas. a proposta se ancora em outros projetos da cidade assim como nas centralidades dessa região.

em escala metropolitana, o eixo se conecta aos projetos do hidroanel - a metrópole fluvial -, através do rio tietê, e ao ferroanel, no trecho final do eixo, ao sul da cidade de mauá. ao mesmo tempo, se entrelaça com as estruturas urbanas pré-exis-

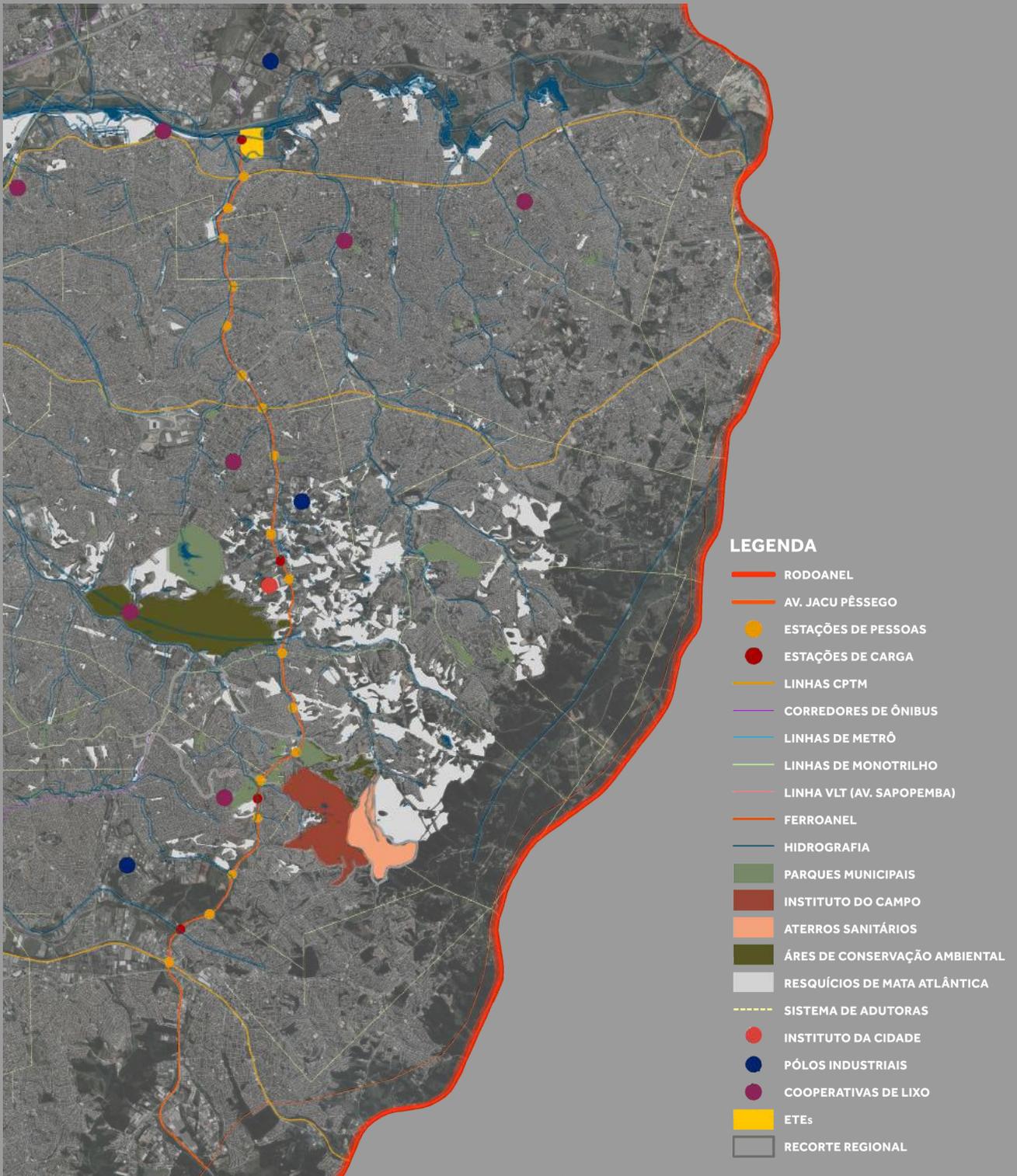
tentes, como em itaquera (principal centralidade da zona leste de são paulo), o parque do carmo (reunindo equipamentos de diversos segmentos) e algumas linhas de metrô e cptm, do transporte público da metrópole.

no que diz respeito ao transporte de pessoas, a linha se coloca no sentido transversal às outras redes - norte-sul -, subvertendo a lógica de transporte radial da metrópole. já em relação à carga, essa estrutura é entendida como um meio de entrada e saída para tudo que se produz e consome na zona leste metropolitana.

#### \_ entre o rural e o urbano

o modelo extensivo de urbanização de são paulo fez com que, ao longo dos anos, cada vez mais a cidade avançasse sobre as áreas rurais e ambientais. na zona leste não foi diferente: a avenida jacu-pêssego e a reafirmação do eixo de transporte ferroviário se consolidaram como a primeira barreira na contenção dessa urbanização, que se concretiza quase com uma linha de pressão na relação histórica entre o rural e o ambiental. no contexto da borda urbana, o instituto do campo surge como o segundo ato, um equipamento educacional de nível superior e técnico voltado às questões ambientais e rurais dentro da cidade. um modelo exemplar que ampara áreas de desenvolvimento sustentável com construções de baixo impacto ambiental, áreas de conservação, uso habitacional e produção

agrícola. assim como o instituto da cidade (abrigado pela unifesp, campus localizado também próximo a jacu-pêssego) tem seu olhar voltado para a sociedade urbana como um todo, o instituto do campo tem como papel olhar e amparar as relações do ser humano com a natureza, na vivência, na produção, e em como isso se insere perto de grandes centros urbanos. um é complemento do outro, então, compreendendo a complexidade do território urbano ambiental.



Proposta Eixo Ferroviário Jacu-Pêssego



**LEGENDA**

- AV. JACU PÊSSEGO
- ESTAÇÕES DE PESSOAS
- ESTAÇÕES DE CARGA
- LINHAS DE MONOTRILHO
- LINHA VLT (AV. SAPOEMBA)
- HIDROGRAFIA
- APP CORPOS D'ÁGUA (30M)
- PARQUES MUNICIPAIS
- INSTITUTO DO CAMPO
- ATERROS SANITÁRIOS
- ÁREAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL
- RESQUÍCIOS DE MATA ATLÂNTICA
- CICLOVIAS
- - - - SISTEMA DE ADUTORAS
- RECORTE VILA BELA

0    0.3    0.6    1.2    1.8

Proposta de Espaços Livres do Entorno Imediato  
Vila Bela)

## \_ sistema de espaços livres

a zona leste de são paulo, no geral, é um retrato exemplar de urbanidade - ou a falta dela – nas periferias de grandes centros urbanos. altos índices de adensamento populacional e baixos índices de qualidade de vida. a urgência é o morar, e ele não costuma enxergar muitas barreiras, por isso espaços públicos e vazios qualificados são raridade. é pensado, então, um modelo de potencialização do sistema de espaços livres em regiões como estas, nos vazios não ocupáveis: elementos naturais e da infraestrutura urbana. no caso da vila bela, córregos, a adutora que corta o bairro e a avenida sapopemba, que está em sua margem.

os córregos são, neste cenário, vistos como lugar para despejo de esgoto, até barreira, e não como um bem. assim, como a adutora, uma das únicas formas em que o estado se encontra presente ali. e a sapopemba, um elemento estruturador do fluxo da região, mas pensado para o automóvel, e não para as pessoas.

nos corpos d'água e na adutora, os espaços são repensados, ressignificados, se tornando espaços de qualidade que fortalecem a relação entre o território e as pessoas. hora recebe permanências, com espaços de estar, de feiras e trocas comerciais, e hora potencializando as conexões com a malha existente, através de passeios e ciclovias, alcançando equipamentos existentes na cidade.

na sapopemba, a proposta do vlt vem de encontro com a melhora do caminhar, associando o pedestre a meios de transporte coletivo menos agressivos. assim, costurando o território e criando conexões: o terminal de ônibus e estação de monotrilho de são mateus, o ceu são rafael, o novo eixo ferroviário jacu-pêssego e o instituto do campo.

## \_ ônibus + lixo + mobilidade + educação + saúde

internamente ao bairro, o primeiro ato é para a mobilidade. o caminhar aqui é essencial, visto que estamos numa periferia não conectada, fragmentada. o uso de ônibus convencionais e a falta de linhas de ônibus dificultam os percursos, por isso é proposto um anel de micro-ônibus nas vias de fundo de vale (ruas frutos de maio e pedro de medeiros) para conectar bairros mais distantes e a vila bela à cidade.

além disso o lixo, questão central na discussão do gerenciamento de resíduos, usa desta mesma rota através de tuc-tucs, que conseguem rodar até pelas ruas mais estreitas. quando não é possível o acesso, devido a declividade - os pontos mais críticos chegam a 32% -, é proposto a implantação de plataformas elevatórias. estas, além de possibilitar a coleta de resíduos e ser financiadas por isto, transformam a dificuldade de caminhar num percurso agradável e acessível a todos.

\_vazios + água + lugares de afeto  
como os grandes equipamentos, o projeto olha e repara - reparar na perspectiva do olhar atento, para os vazios, para as pessoas.

os vazios ainda existentes, agora são palco para dar continuidade as relações da vila bela e se criar novas, então, a propõem-se novos lugares de afeto, entendendo o mesmo como transversal ao pertencimento ao lugar e às transformações que ele comporta. estes lugares partem de uma premissa não programática, em que a comunidade será parte estrutural de um processo participativo desses projetos.

os rios se tornam uma plataforma ambiental e social, propondo de imediato a limpeza dos mesmos através de sistemas alternativos de tratamento de águas pluviais e fluviais, e de esgoto, que legitima o projeto e as leituras como um todo.



## \_casa pública

“tudo o que se pode ver, se torna público.”  
(ARENDR, 2007)

o que acontece quando a cidade passa a ter novas conotações urbanas e sociais que são conjuntas e híbridas? a rua passa a ser não só caminho e não é apenas a casa o abrigo. a compreensão de abrigo e de público se expande, ao mesmo tempo que a noção de casa também, assim, a cidade se transforma em uma grande casa pública, de fato. talvez, uma das grandes necessidades das periferias é a consolidação de cidadania e a afirmação do seu território, sua consolidação.

## \_recorte: nós

conceito poético: caminhar, festa, espaços de afeto, celebração da vida.

é preciso reencontrar o sentido dos espaços mistos e misturados, que são “lugares comuns” de conexão. é preciso refletir sobre

as condições de acesso oferecidas por esse espaço público, quando nem todo mundo de fato o acessa. a rua, posta na malha urbana, é vista aqui como potência e perpassa para o caminhar num estado de festa, onde esbarrar em espaços de afeto e encontrar-se em nós torna se real. a rua não é mais rua, mas sim uma extensão da casa. deixa de ser de um e passa a ser de todos.

o projeto olha para o existente e o revigora, pensando no constructo participativo e valorizando os bens primordiais de vida. as lajes, as garagens, as empenas cegas e as conquistas são constructo para acontecimentos cotidianos: lavanderias, varais e cozinhas coletivas. espaços livres sem programas definidos, a necessidade e a casualidade os definem. água e vegetação são bens primordiais, passam a ser vida e a dar vida, e não tirá-la. a casa pública é, então, abrigo dos sonhos, das fantasias e da celebração desse conquistado, e agora novo, lugar.



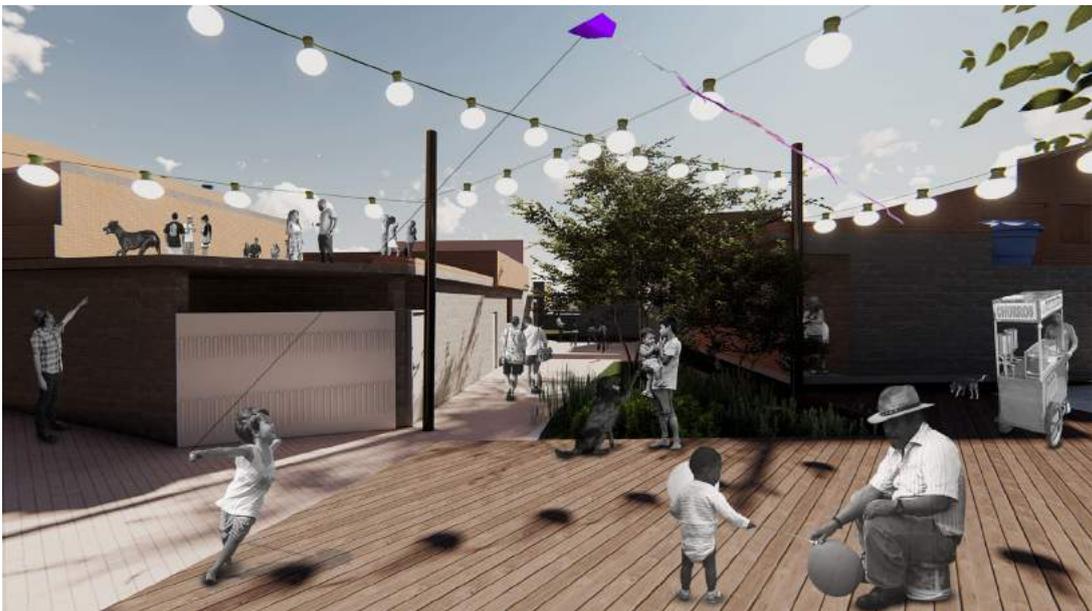
Vista Aérea do Recorte



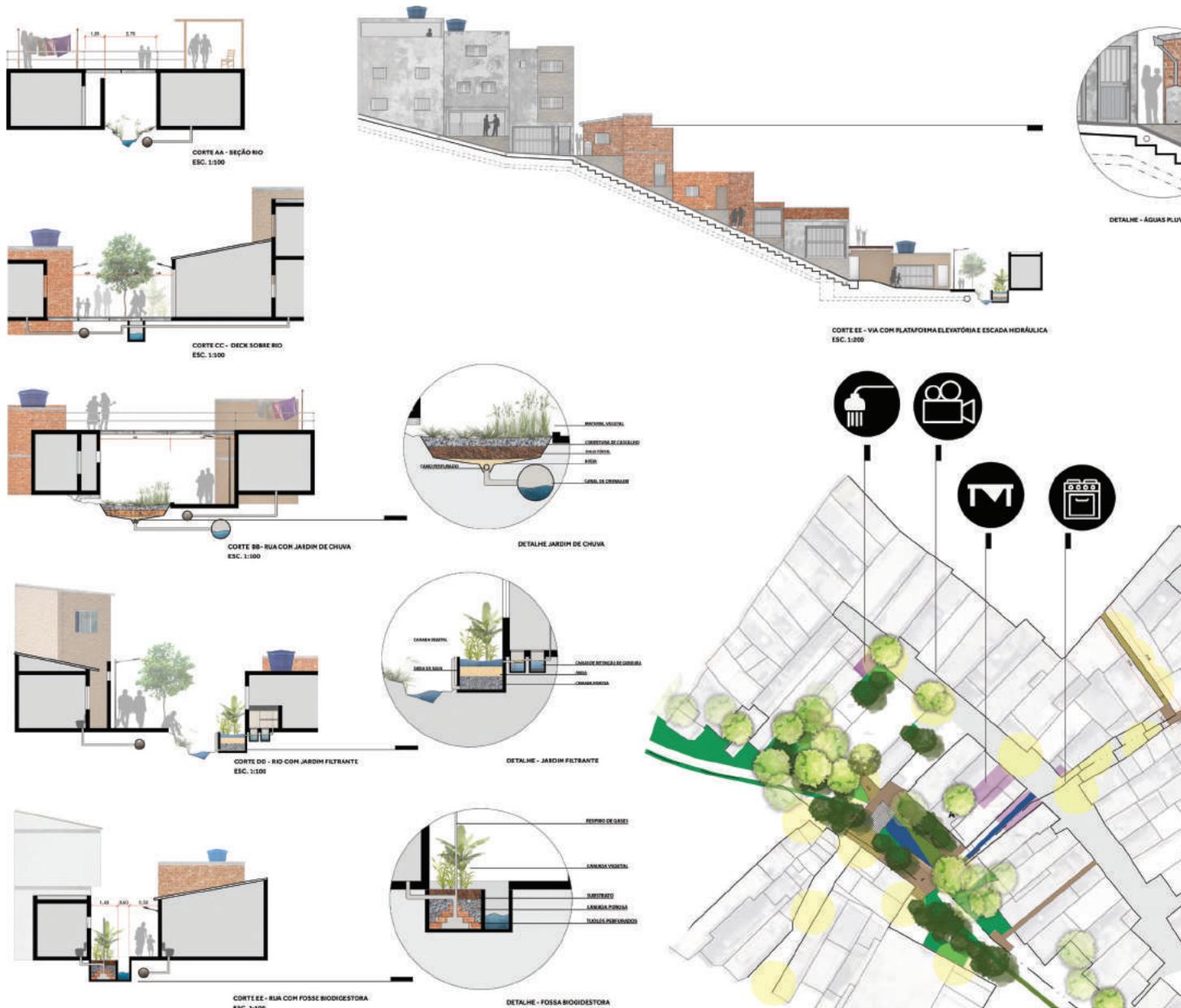
Proposta de Espaço junto ao Córrego dos Machados



Proposta de Plataforma Elevatória



Proposta de Desenho para os Nós



Proposta de Desenho Urbano



Esquema de Mobilidade: Tuc-Tucs



Esquema de Mobilidade: Plataformas Elevatórias



Breno Pilot, Camila Godoi, Diogo Xavier, Felipe dos Santos,  
 Higor Santos, José Camilo Carlos Jr., Luisa Vaccari, Marco Aurélio  
 Arruda, Naomi Farinazzo, Rodrigo de Azevedo, Samira Batista, Thais  
 de Freitas  
 10º semestre - Arquitetura e Urbanismo  
 PUC Campinas

Prof Me. Antonio Fabiano Jr.  
 Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
 Profª Drª Vera Santana Luz  
 Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e PÓSURB + ARQ  
 PUC Campinas

# PROJETO SOL NASCENTE TRECHO 3

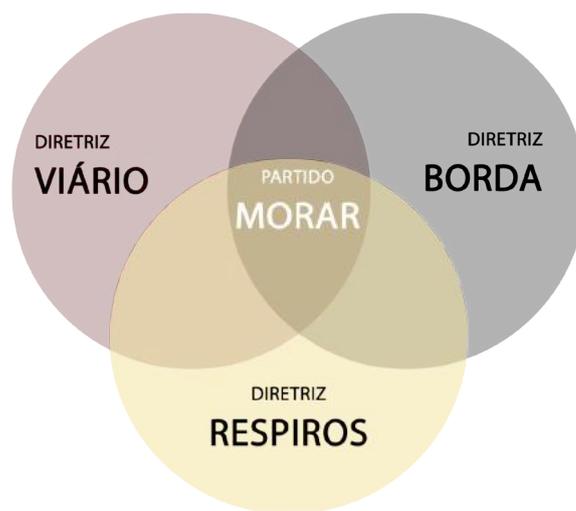
Alice Sallustro, Ana Carolina Alves,  
Daniela Fajer, Larissa Santos, Marina De Nadai e  
Raissa Gomes

O presente trabalho é a conclusão do segundo módulo da Pós-Graduação *Latu Sensu* “Cidade e Habitação” da Escola da Cidade. Nessa etapa, o conteúdo adentra na realidade das políticas públicas brasileiras e nos Movimentos Sociais por Moradia.

À 37 km do plano Piloto, Distrito Federal, o Conjunto Habitacional Sol Nascente, as margens sul da Ceilandia, surgiu da grilagem clandestina de chácaras cuja produção agropecuária abastecia a cidade satélite. Em cerca de 12 anos a região se tornou uma das maiores favelas da América Latina, contando com péssima infraestrutura, ausência de equipamentos; áreas de lazer; transporte público, além de possuir residências com padrões construtivos questionáveis.

O objeto de estudo foi o trecho 3 do conjunto, por possuir as piores condições físicas, sociais e econômicas, ademais estar ameaçado por um processo crescente de erosão ocasionado pela ocupação desenfreada e irregular dos trechos limítrofes a nascentes de córregos.

O conceito do projeto gira em torno de 3 eixos: Borda, Viário e Respirios, juntos configuram o partido do morar.

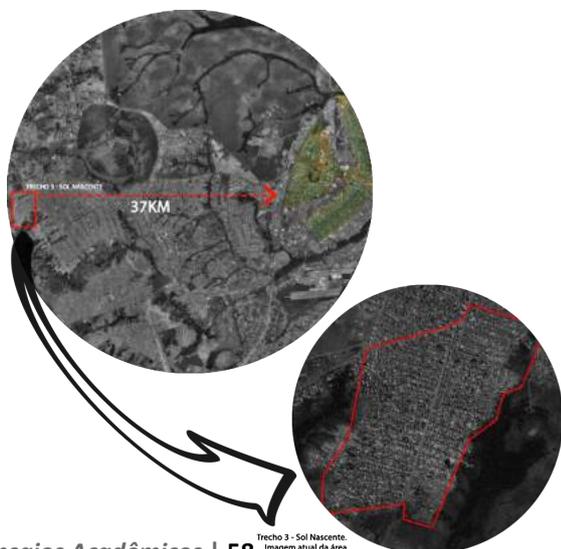


A diretriz Borda consiste em ações de preservação dos cursos d’água e meio ambiente através da criação de um parque, fruto de remoções de casas em área de APP’s, contornará a área trabalhada delimitando o desenho urbano, com isso cria-se um cenário entre mata e a cidade muito acolhedor e participativo.

O procedimento conta também com obras de drenagem e saneamento básico, e educação ambiental com a proposição de uma escola do meio ambiente.

Objetivando a melhoria do sistema viário, a segunda diretriz consiste em intervenções como a remoção de residências para a criação e ampliação de vias principais e secundárias, possibilitando um sistema de circulação tipo “anel viário”; mudanças no sentido das vias; rede de cicloviárias, a ampliação e oferta do transporte público.

Para controlar o adensamento da localidade, os procedimentos cujo objetivo é criar Respirios, apresenta a introdução de equipamentos e espaços públicos através de remoções nos “miolos” de quadra para a criação de uma estrutura de vizinhança com instituições públicas, praças e habitações novas para as pessoas removidas em todo o processo.



**Imagem 3. MASTERPLANO.**  
Implantação com o cenário  
desejado pelo projeto



**Imagem 6. CONCEITO RESPIRO.**  
Projeto de reorganização dos  
miolos de quadra.



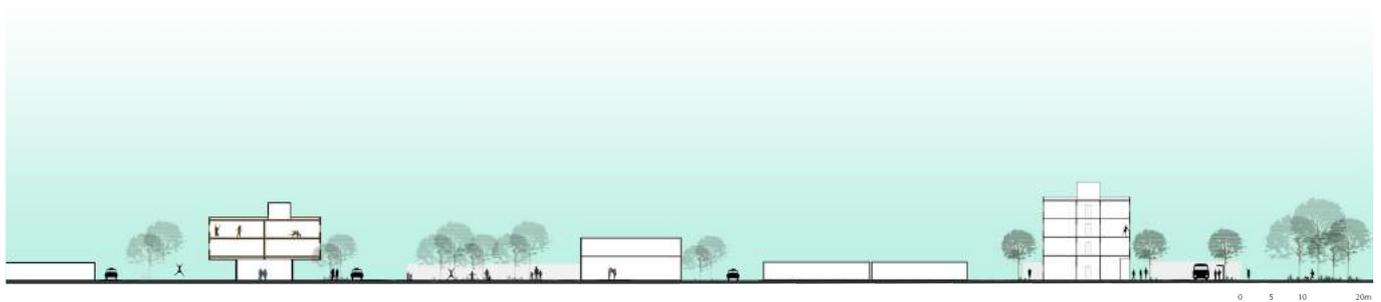
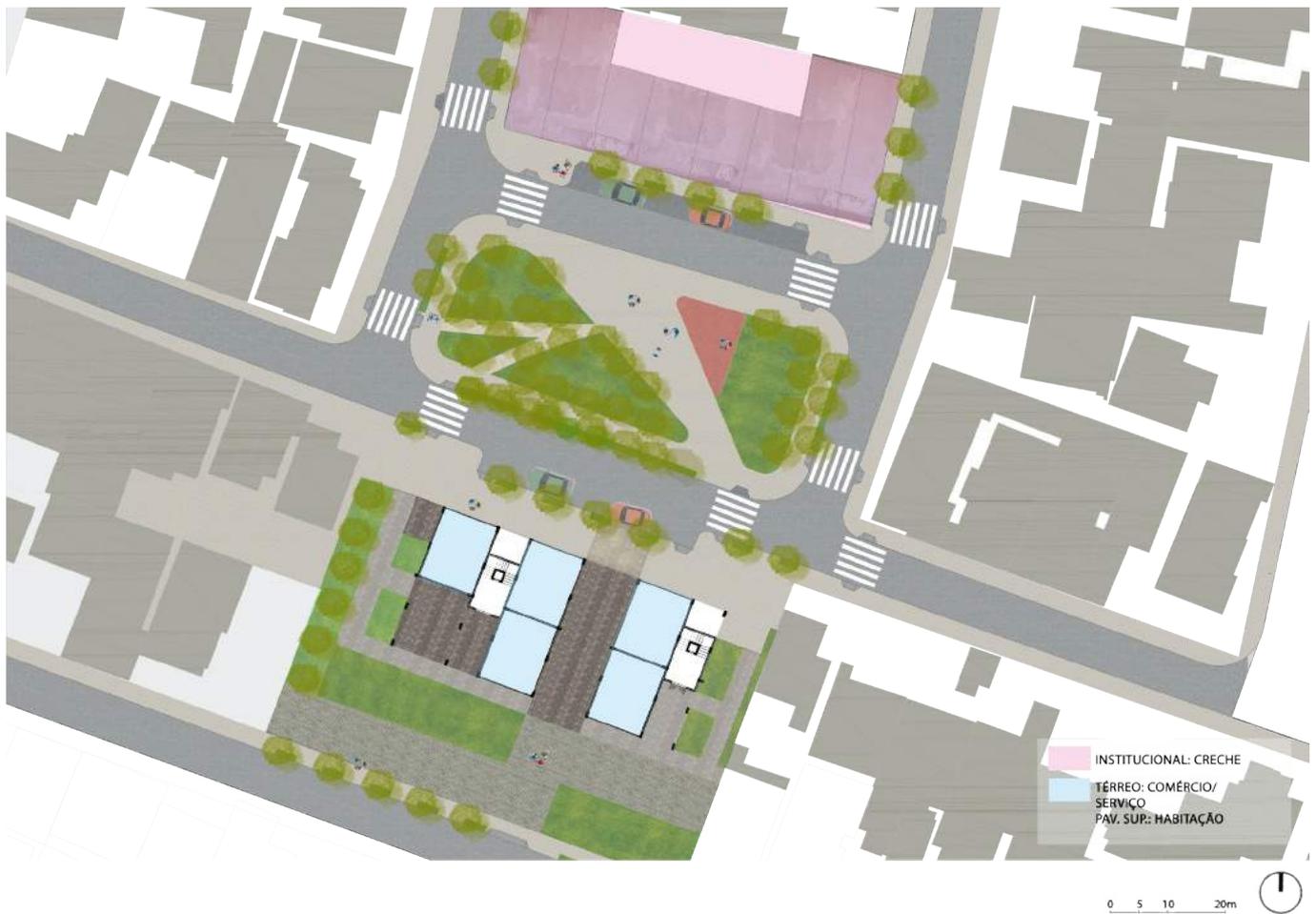
**Imagem 5. CONCEITO VIÁRIO.**  
Projeto de requalificação e criação  
de vias selecionadas



**Imagem 4. CONCEITO BORDA.**  
Projeto ao longo do rio e da APP.







Alice Sallustro, Ana Carolina Alves, Daniela Fajer, Larissa Santos, Marina De Nadai e Raissa Gomes  
 Pós Graduação Habitação e Cidade  
 Escola da Cidade - São Paulo

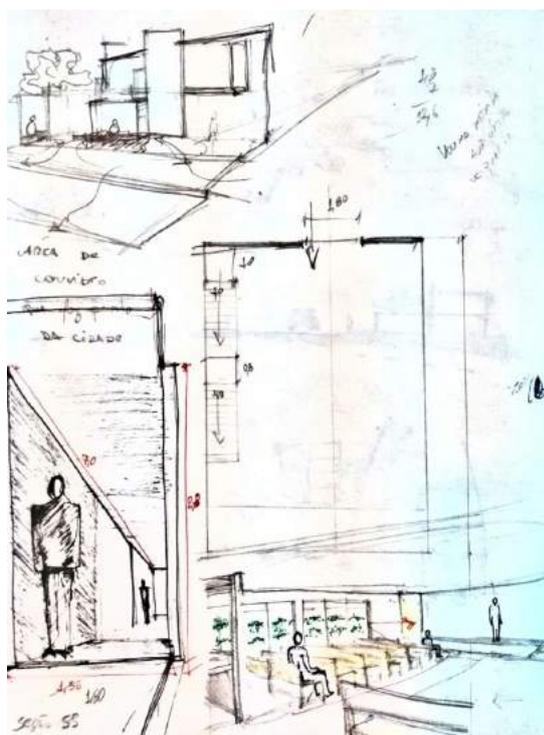
# UM SONHO, UMA EXPERIÊNCIA

Ruan Miele

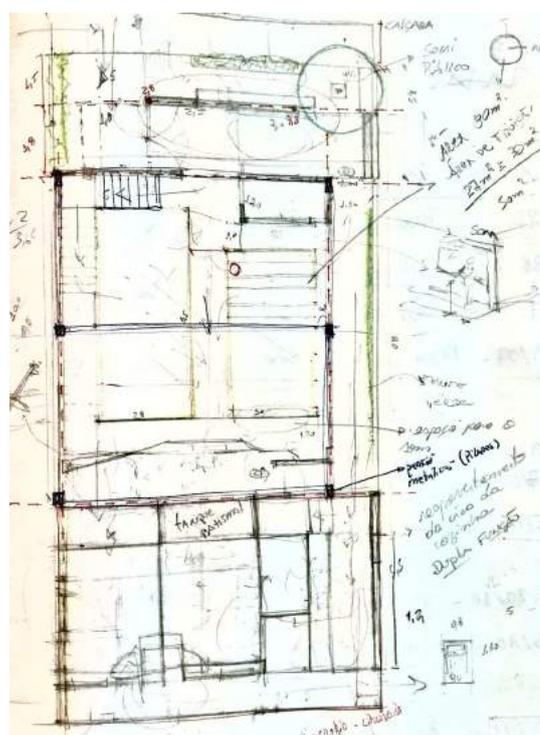
A experiência de projeto se iniciou com uma simples conversa entre amigos, na cidade de Guaíra, município localizado no interior do estado de São Paulo, em 2017, quando um colega do meu pai veio perguntar a mim se poderia ajudá-lo a deixar um sonho mais próximo da realidade. Este sonho, por sua vez, era a simples ideia de uma nova unidade da Igreja Adventista de Sétimo Dia em uma região da cidade. No entanto, no primeiro encontro que tivemos, perguntei se ele havia algo em mente que pudesse me auxiliar no entendimento de seu pensamento para iniciar o projeto e revelou que tudo o que tinha era uma idealização deste sonho. Tal situação o impossibilitou de obter um auxílio por parte de profissionais da cidade para torná-lo algo mais palpável e concreto. Ao entender o contexto da

situação, atrelei o sonho deste amigo aos vários conhecimentos que adquiri e continuo adquirindo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Campinas, onde aprendi que arquitetos projetam majoritariamente para as pessoas e para a sociedade. Assim, tomei a decisão de realizar este projeto e, em meio aos trabalhos da faculdade, sempre que havia algum tempo livre procurava pensar e desenhar esse projeto, que também havia se transformado em um sonho meu.

Depois de vários encontros durante o ano dedicados à definição de um programa ideal para as necessidades da comunidade, ficou determinado o que a igreja deveria apresentar em seu programa: nave, salão de festas e encontros, banheiros feminino, masculino e para deficientes físicos, uma área comum com destino a organização dos cultos, sala de sonoplastia, salas de estudo bíblico, sala de música, além do púlpito.



Croqui 1.



Croqui 2.

to e de um tanque batismal. Todo este programa deveria se encaixar em um terreno de 10 metros de largura por 20 metros de profundidade. Entre as demandas, havia também a necessidade de uma área reservada para os encontros pós culto que foi alocada na parte frontal do projeto, compartilhando assim uma parte do terreno da igreja com a cidade, através da ampliação da calçada situação pouco observada dentro da dinâmica urbana nos dias atuais.

No final do ano de 2017 me encontrei com uma parte da comunidade para apresentar o projeto que ha-

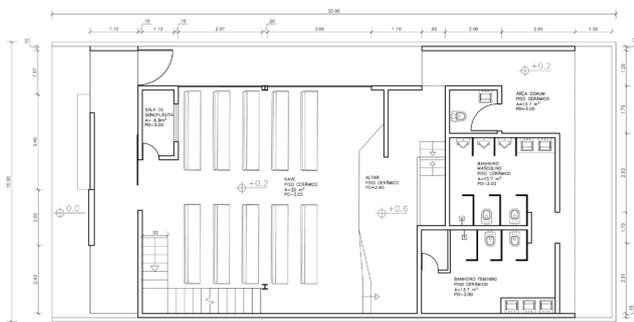
via feito e me certificar se tinha atingido a expectativa daquele sonho. Ao final da apresentação e após cada agradecimento, abraço e comentário, veio a mim uma sensação única de uma imensa gratidão; e que mesmo possuindo apenas esperança consegui fazer do anseio de todos uma realidade mais próxima. A partir desse projeto desencadear novos sonhos embora não seja paudado como o projeto final, esse primeiro desenho foi fundamental para deixar ainda mais forte a possibilidade desse sonho se tornar realidade.



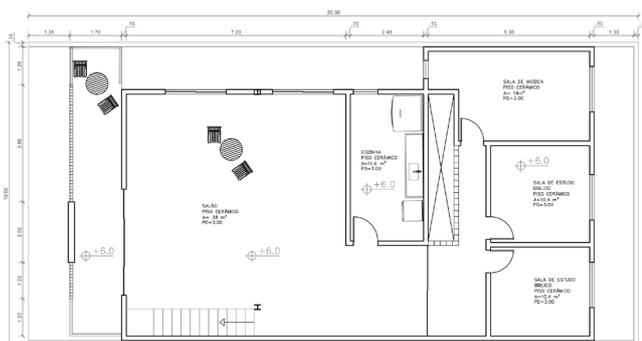
Imagem externa.



Croqui 3.



Planta Pavimento Superior.



Planta Terreo.

Ruan Miele  
6º semestre - Arquitetura e Urbanismo  
PUC Campinas

# ESCOLA DE DANÇA KLEINE SEZENE

Gustavo Ramalho

O presente trabalho consiste no projeto arquitetônico para uma escola de dança localizada no centro de Santo André. O entorno consiste em habitações residenciais de pequeno porte e um crescente desenvolvimento de comércio ao seu redor; a escolha da localização está fundamentada em duas estruturas de pensamentos a primeira consiste em uma memória do lugar, como Bergson acredita e resume: “Deste modo, existem duas formas de memórias teoricamente diferentes e independentes, uma sob a forma de imagem-hábito (eu superficial) e outra sob a forma de imagem-

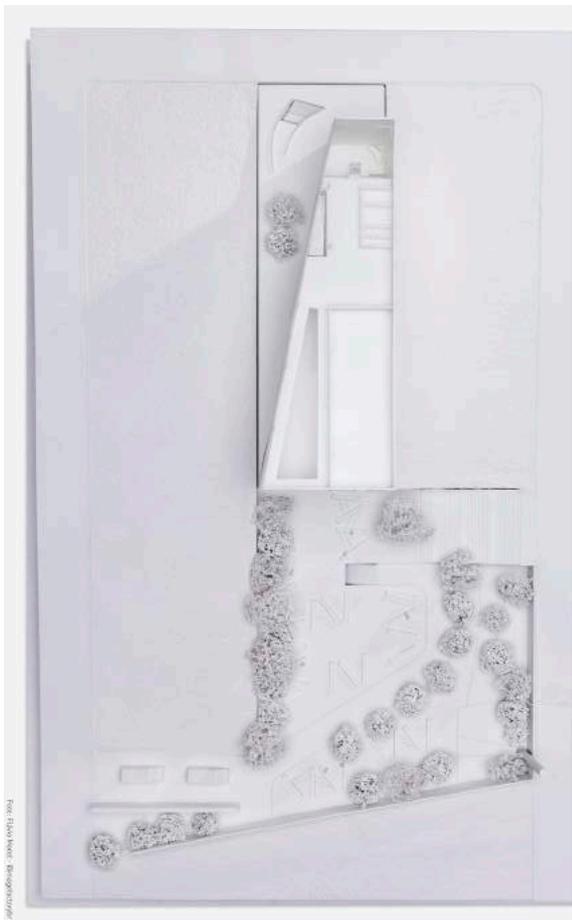
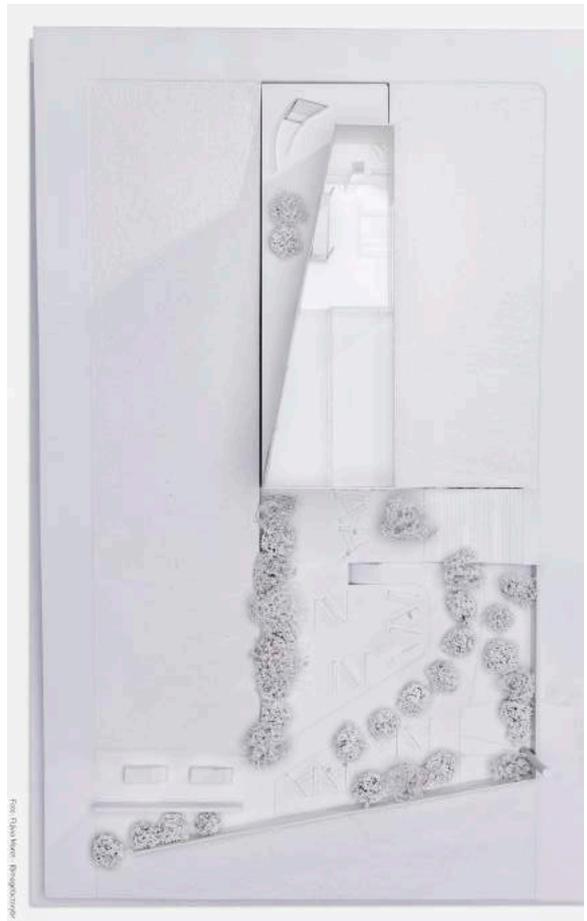
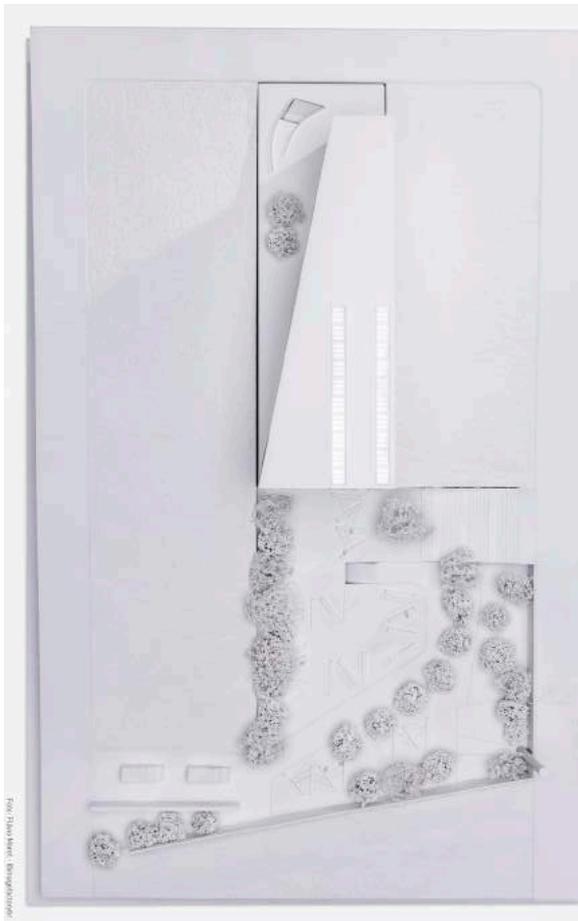
-lembrança (eu profundo), das quais uma imagina e a outra repete, sendo que a segunda pode substituir a primeira e frequentemente até dar a ilusão dela”.

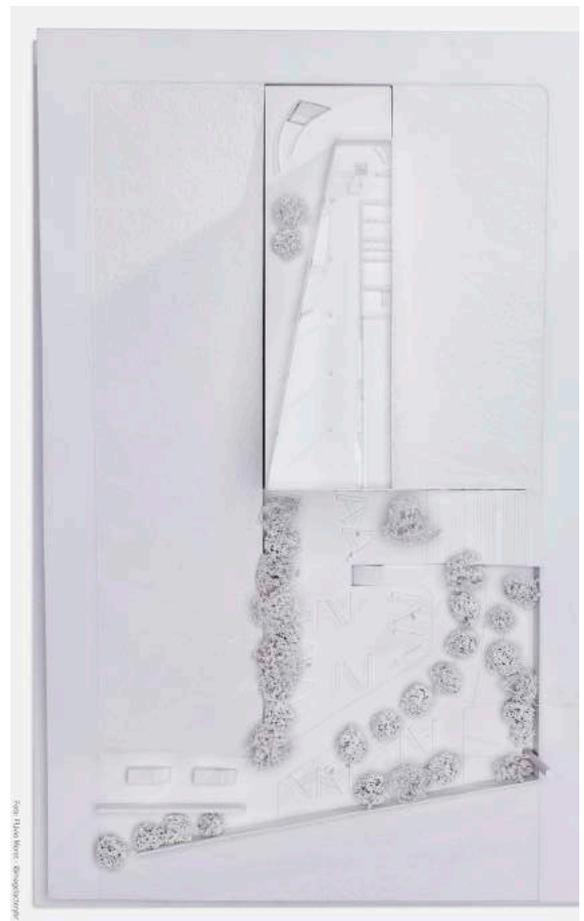
A segunda provém da leitura espacial que temos da implantação; decido aqui escolher está pois localiza-se em um eixo viário de alta fruição onde é justificado o acesso principal da escola. As duas justificativas estão embasadas nessas duas linhas de pensamento, por meio delas estrutura justificativas projetuais. Antes de começar as especulações volumétricas do partido arquitetônico da escola procurei estabelecer referências que poderiam me ajudar com os espaços públicos de alta concentração e permanência.



Implantação.







## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- STRAZZACAPPA, Márcia et al. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. Cadernos cedes, 2001.
- ASSUMPÇÃO, Andréa Cristhina Rufino. O balé clássico e a dança contemporânea na formação humana: caminhos para a emancipação. Pensar a prática, v. 6, p. 1-20, 2003.

Gustavo Souza Ramalho  
Centro Universitário SENAC.

# PROJETO FUNDÃO

Jardim Vera Cruz- São Paulo

Grupo TFG 2017;  
Antônio Fabiano Junior;  
Vera Santana Luz

## INTRODUÇÃO

A proximidade à água é um fator decisivo, primordial e indissociável ao surgimento das cidades. É uma configuração da própria condição humana. E é nesse cenário que está o Fundão do Jardim Ângela em São Paulo: nas bordas do verde, nas margens da água, às margens da sociedade. de comportamento das populações de origem açoriana, que ainda se mantinham conservados pelas comunidades nativas (PEREIRA, 2003).

O trabalho apresenta propostas urbanísticas de grande escala, abrangendo infraestrutura e transporte para a Região Metropolitana de São Paulo, além de desenvolvimento de desenho urbano para o Bairro Jardim Vera Cruz, no distrito Jardim Ângela e as margens da Represa Guarapiranga. A estrutura metodológica tem como busca novos paradigmas e exemplaridades na relação urbano x rural x ambiental na metrópole, onde lutar é cenário constante entre a necessidade de morar e a necessidade de preservar o meio ambiente. Seus desenhos buscam propostas de autonomia e independência à população que ali habita para a melhoria da qualidade de vida, aumento da participação social e valorização da cidadania, respeito aos tempos e formas do território, valorização de sua história e uso racional de recursos ambientais, trabalhando suas fragilidades com sensibilidade e entendendo que a dicotomia homem x natureza não existe, pois o homem é parte indissociável dela própria e a relação homem x homem em equidade é um dever.

Ato é ação. Sempre agimos por algo. Nos aproximando ou nos distanciando, criamos fricção entre nós, atores primários, com o outro e entre nós com o meio. Por embate ou por comunhão, homem e natureza sempre se encontram. O compromisso deste trabalho, portanto, é real com o território.

Paisagem vem do francês *paysage*, que se compõe do nome *pays*, “país”, e do sufixo *age*, análogo francês do sufixo português “ada”. Paisagem é portanto um bocado ou uma porção de país, assim como o seria a palavra “paisada”. É possível construir paisagem? É possível entender a construção da dinâmica urbana através da utilização de sistemas naturais como estratégia de desenho e planejamento regional? Que forma tem o nosso aparato intelectual nesse jogo todo? O arquiteto pensa em ambos – forma e uso. Atuações do constructo efetivo, sonho realizado, ato-em-ação.

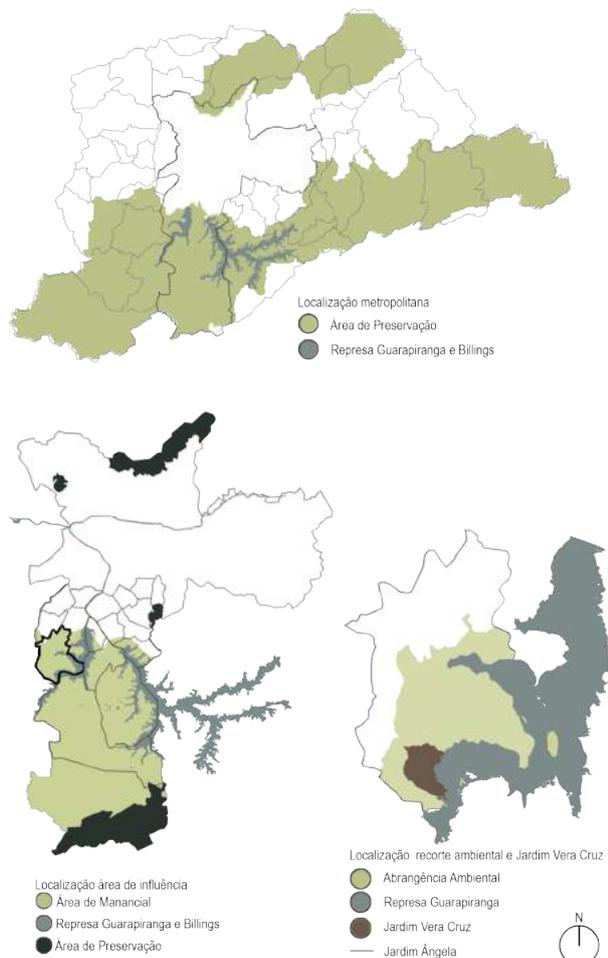


Figura 1

A paisagem nada mais é do que um retrato de uma realidade ou a realidade em si mesma. A realidade de uma visão de mundo. A realidade de várias vidas. Porque, no fundo, tudo o que queremos é dar forma ao mundo para todo mundo.

## PROJETO URBANO

### Diretrizes Ambientais

As diretrizes ambientais foram desenvolvidas a partir de um recorte tipo que poderia se desdobrar e ser reaplicado ao longo de toda a borda da represa

Guarapiranga, de acordo com as especificidades de cada local.

A primeira diretriz surge da necessidade de uma preservação imediata, onde nada deve ser ocupado, desmatado e explorado, propondo um cinturão verde nas margens da represa. Além de ter como princípio a preservação dos grandes maciços arbóreos e o reflorestamento de clareiras, também foram localizados “equipamentos guardiões” do meio ambiente que se relacionam de forma direta com a água e com a vegetação, com o intuito de proteger sua área envoltória e de influência.



Figura 2 - Esquema realocação

A segunda diretriz surge através da intensa ação do homem, unida com a necessidade de morar, com relação à natureza, ficando evidenciado que, nessa disputa, quem perde seu espaço primeiro é a natureza. Desta forma, convencionou-se o entendimento de uma linha de “pressão”, correspondente à borda entre o ur-

bano e o natural existente na qual a urbanização tende a avançar. (Figura 3)

Com a urgência de barrar a pressão urbana em direção à área ambiental, foram criadas diretrizes de contenção, as quais têm como objetivo barrar essa invasão à Área de Preservação Permanente. (Figura 4)

Com a ocupação acelerada, as nascentes e a

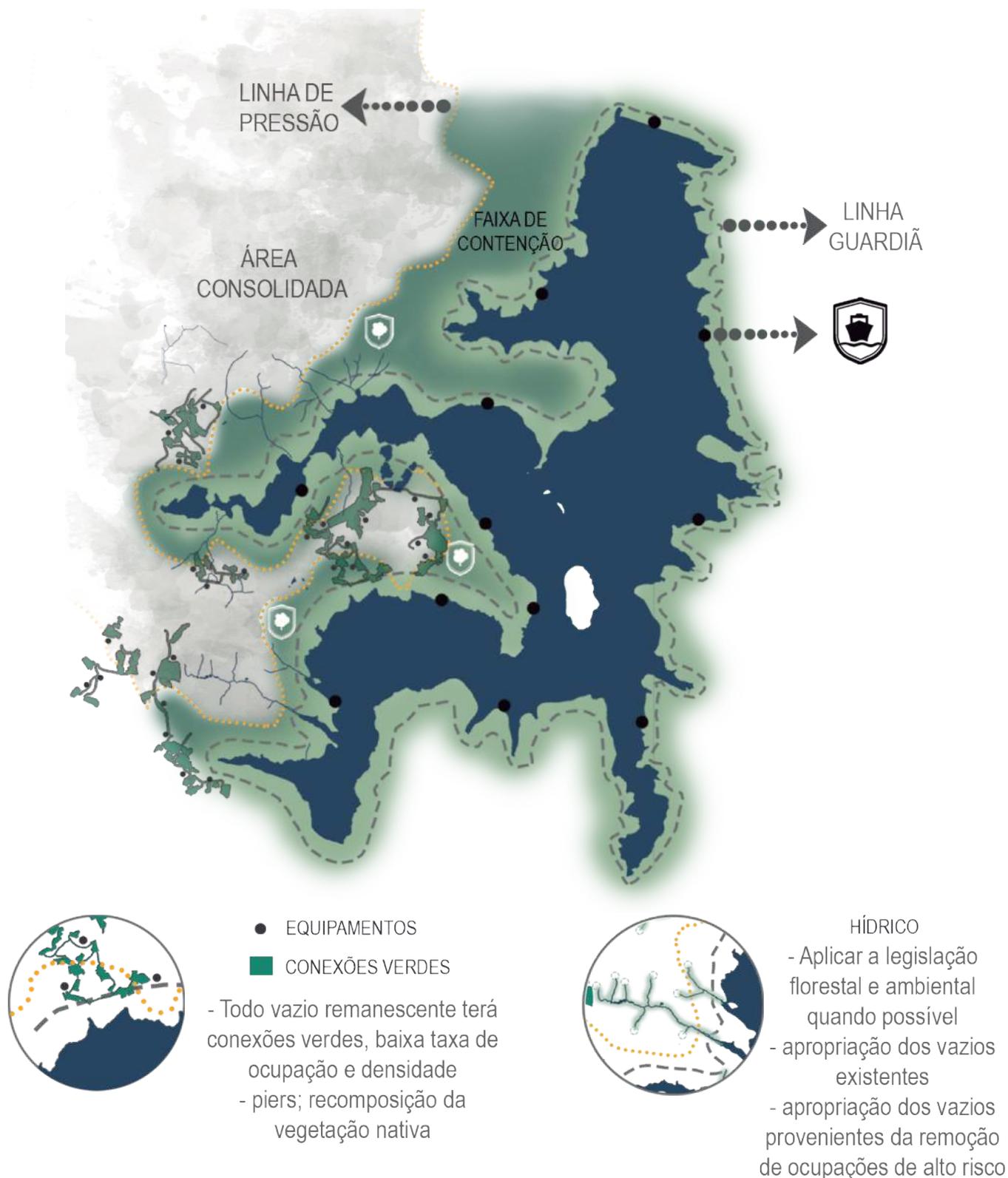


Figura 3 - Esquema linha pressão

mata perderam seu espaço primeiro. Foi estabelecida uma terceira diretriz que lhes devolve o espaço tomado. Nas áreas rurais, retoma-se a preservação mínima dos 30m de cada margem do rio. Nas áreas urbanas, o foco são os vazios e interstícios existentes e remanescentes da urbanização, que passam a ser de uso público, com taxa de ocupação extremamente baixa.

Os vazios seriam articulados aos equipamentos novos e existentes, através de maciços arbóreos, vias arborizadas, calçadas largas, e outras alternativas que gentilmente reestruturassem o lugar como propriamente natural, matizando a urbanização existente.mento de uma linha de “pressão”, correspondente à borda entre o urbano e o natural existente na qual a urbanização tende a avançar. (Figura 5)

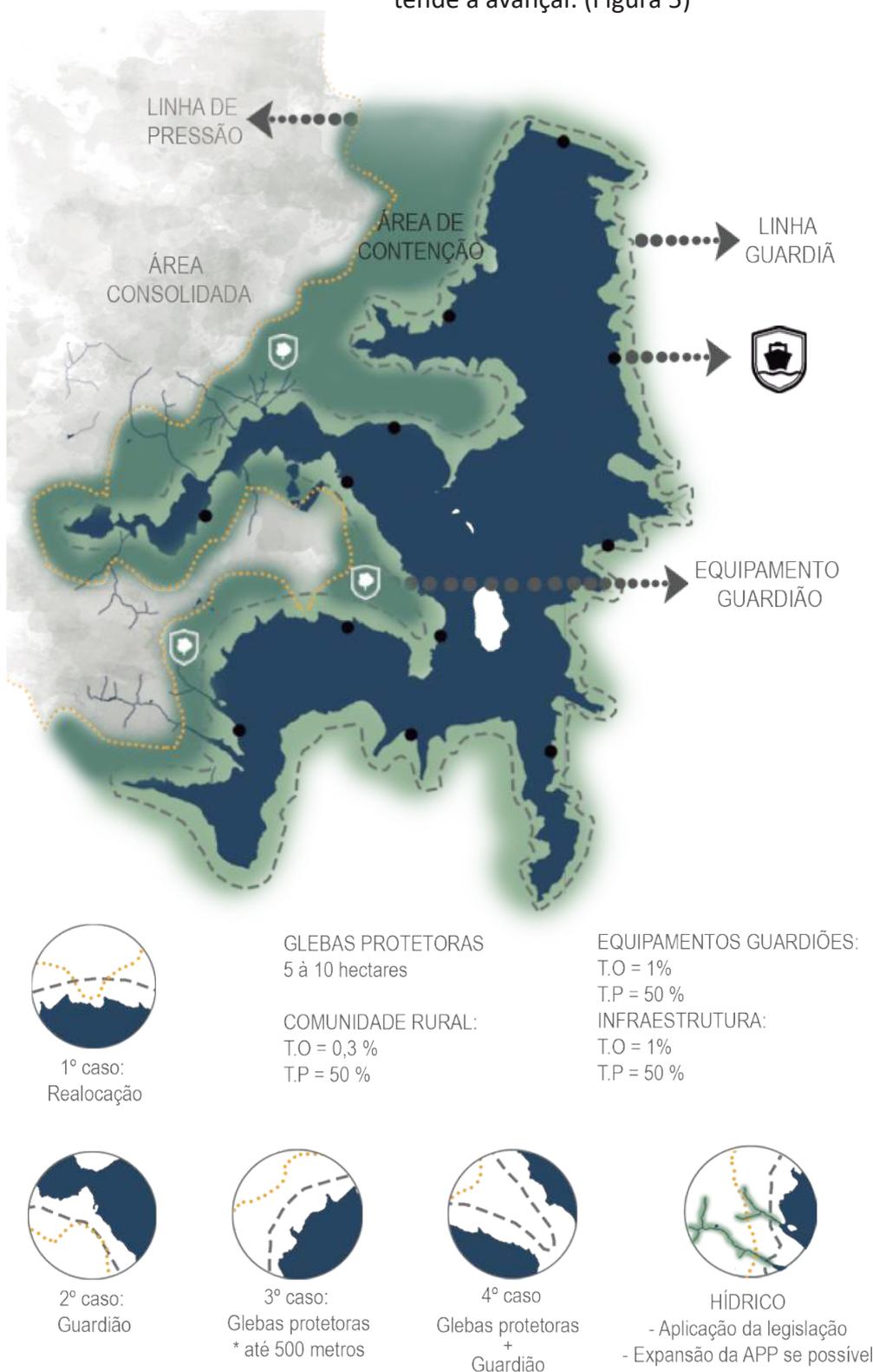


Figura 4 - Casos contenções



DIRETRIZES AMBIENTAIS

- |                                 |                                  |
|---------------------------------|----------------------------------|
| ■ Área alagável                 | ■ Cursos / Corpos d' água        |
| — Linha Guardiã (100 metros)    | ■ Área de Preservação Permanente |
| ■ Área de Preservação Ambiental | ■ Vazios Remanescentes           |
| — Linha de Pressão              | — Conexões                       |
| ●●● Limite da Área de Contenção | ● Equipamentos                   |
| ■ Comunidade Rural              | --- Área de Abrangência          |
| ■ Infraestrutura Sustentável    |                                  |

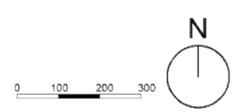


Figura 5 - Diretrizes Ambientais

**1º CASO:**  
REALOCAÇÃO



**4º CASO:**  
GLEBAS PROTETORAS  
+ GUARDIÃO



**2º CASO:**  
GUARDIÃO



**3º CASO:**  
GLEBAS PROTETORAS  
\*ATÉ 500m



## Diretrizes de Transporte

Tendo em vista que o sistema rodoviário vigente não comporta a demanda da macrometrópole de São Paulo, propusemos em paralelo ao rodoanel, um sistema de ferroanel. A implantação do ferroanel articularia linhas da CPTM no sentido Santos-Jundiaí e desafogaria o trânsito de trens de passageiros e cargas. Também teria um papel importante em fomentar planos que potencializem ferrovias da macrorregião, que interligam ao interior, aos Portos de Paranaguá, Santos e Rio de Janeiro, como corredores efetivos de transporte de pessoas e mercadorias. A segregação do ferroanel permitirá aos trens de carga circundar a Região Metropolitana sem a necessidade de utilizar a rede da CPTM, que passará, então, por um processo de aumento acentuado da oferta de capacidade, com redução dos intervalos entre trens e melhoria da qualidade e da segurança do serviço prestado. A implantação do ferroanel reforça a hipótese de contenção do espraiamento urbano sobre as áreas de

preservação, especialmente na região sul e da Serra do Mar.

A linha férrea ramal da antiga da Sorocabana, que liga Mairinque ao porto de Santos, voltará a receber como principal vocação o transporte majoritário de cargas com o objetivo de potencializar o cinturão rural sul e facilitar o transporte de cargas, fora do tecido urbano da metrópole e direto para Santos. Nos entroncamentos das rodovias existentes com a linha de trem Mairinque – Santos, propõe-se estações de baldeação de carga e logística de armazenamento bem como paradas de passageiros em horários chave.

Por outro lado, considerando o território de projeto como pertencente à matriz hidroviária de São Paulo, foram incorporadas também as premissas defendidas pelo grupo de estudo “Metrópole Fluvial”, para o hidroanel metropolitano de São Paulo. Além da incorporação dos portos propostos pelo grupo, propõe-se também a implantação de novos pontos, cujas conexões são feitas por linhas de mobilidade, priorizando tanto o transporte de pessoas, mercadorias e lixo como o lazer.



Figura 6 - Transporte Escala Macro

mapa de conexões dos portos [metrópole fluvial]



Figura 7 - Transporte Portos

Em uma escala mais aproximada ao distrito, pensou-se num meio de transporte binário, de alta capacidade no eixo da Estrada do M'Boi Mirim, o qual garantiria acesso rápido e direto de passageiros por toda a estrada até ligar-se, em ramificação à estação de metrô e CPTM. Ancorado nesse modal principal, os ônibus conti-

nuariam presentes, mas com função e rota alterada evitando a interferência no fluxo desse eixo principal. O novo trajeto dos ônibus consistiria em bolsões costurando o território, amarrando as partes que antes se mostravam desconexas e reinserindo essa população moradora da franja paulista no sistema sobre trilhos de mobilidade da cidade.

MAPA DE BOLSÕES E TRAJETO MICROÔNIBUS



Figura 8 - Transporte Bolsões

Para esse transporte sobre trilhos foi realizado estudo de cada trecho-tipo da Estrada do M'Boi Mirim, adotando-se para cada um, um modal compatível com o espaço disponível, evitando desapropriações em massa na faixa lindeira de urbanização consolidada. Os modais definidos foram: o VLT de superfície,

deixando livre duas faixas para demais veículos e o monotrilho nos trechos mais críticos (onde não há espaço na calha viária) com estações de parada verticais a cada 500 metros - permitindo acesso ao nível das lajes de cobertura, que se transformam em espaço público.

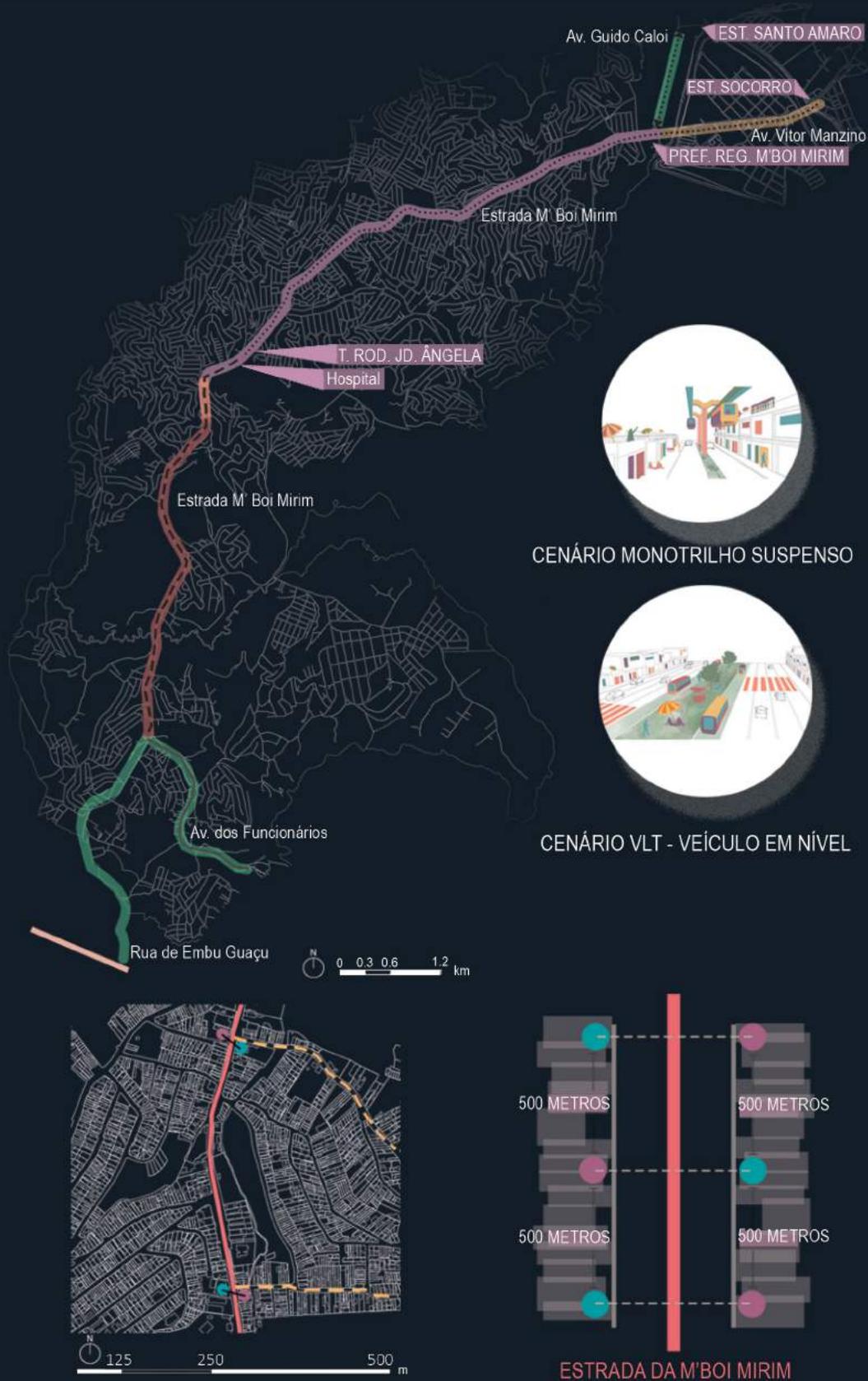


Figura 8 - Transporte Esquema Trilhos

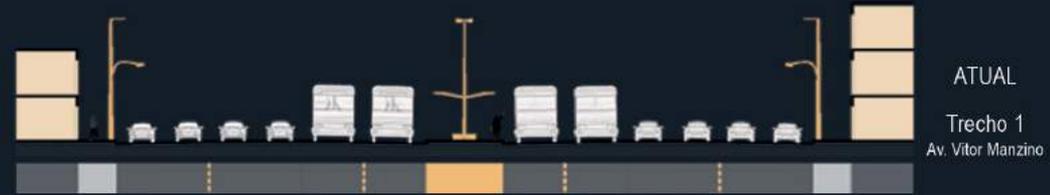
SEÇÕES - TIPO NA M' BOI MIRIM: CENÁRIO ATUAL / DESEJADO



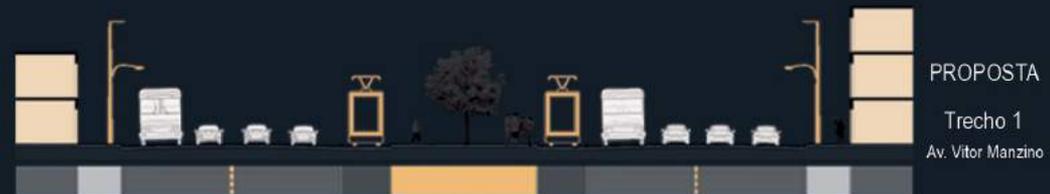
ATUAL - Trecho 2  
Estrada M' Boi Mirim



PROPOSTA - Trecho 2  
Estrada M' Boi Mirim



PROPOSTA  
monotrilho no chão

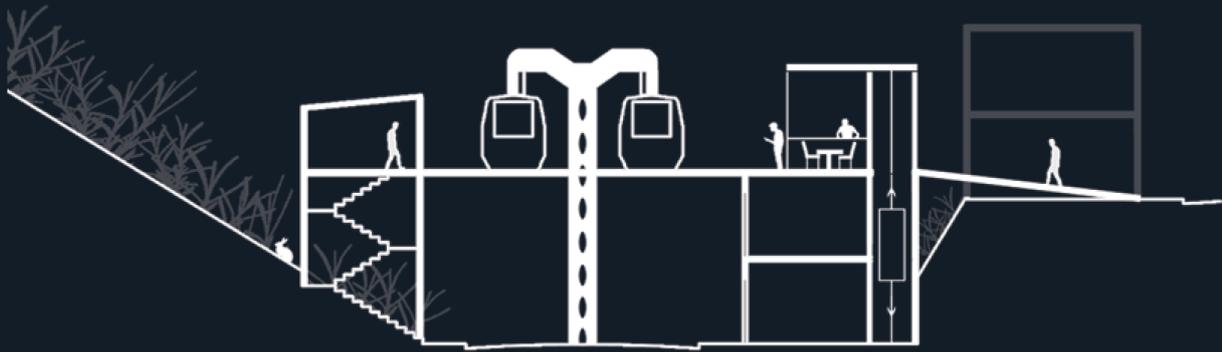


PROPOSTA  
monotrilho suspenso

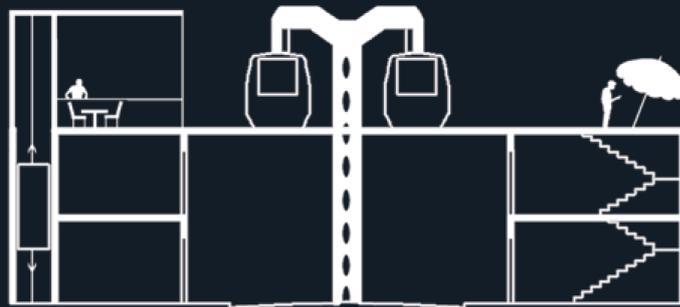


Figura 9 - Transporte Trilhos Cortes

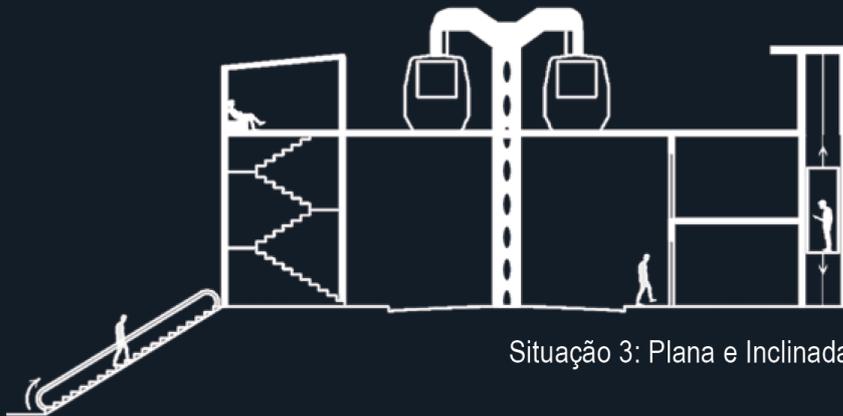
SITUAÇÕES ESQUEMÁTICAS - RELAÇÃO MONOTRILHO SUPENSO - VLT / MICRO ESTAÇÕES



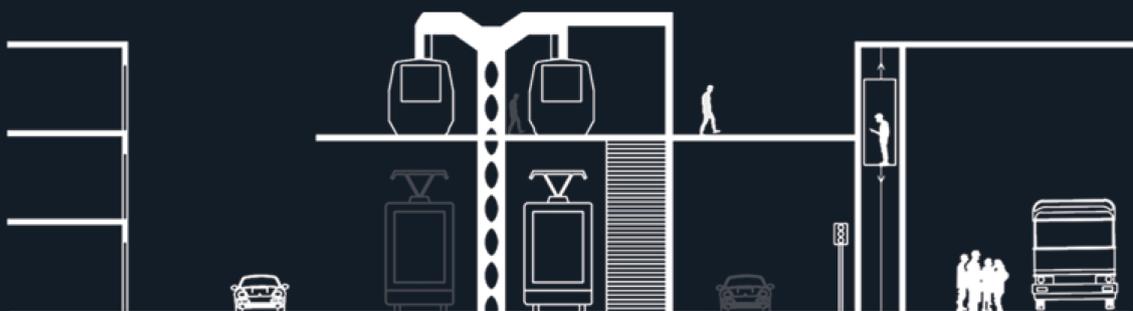
Situacão 1: Íngreme



Situacão 2: Plana



Situacão 3: Plana e Inclinada



Situacão 4: Transição entre monotrilho e VLT

Figura 10 - Transporte Trilhos Paradas

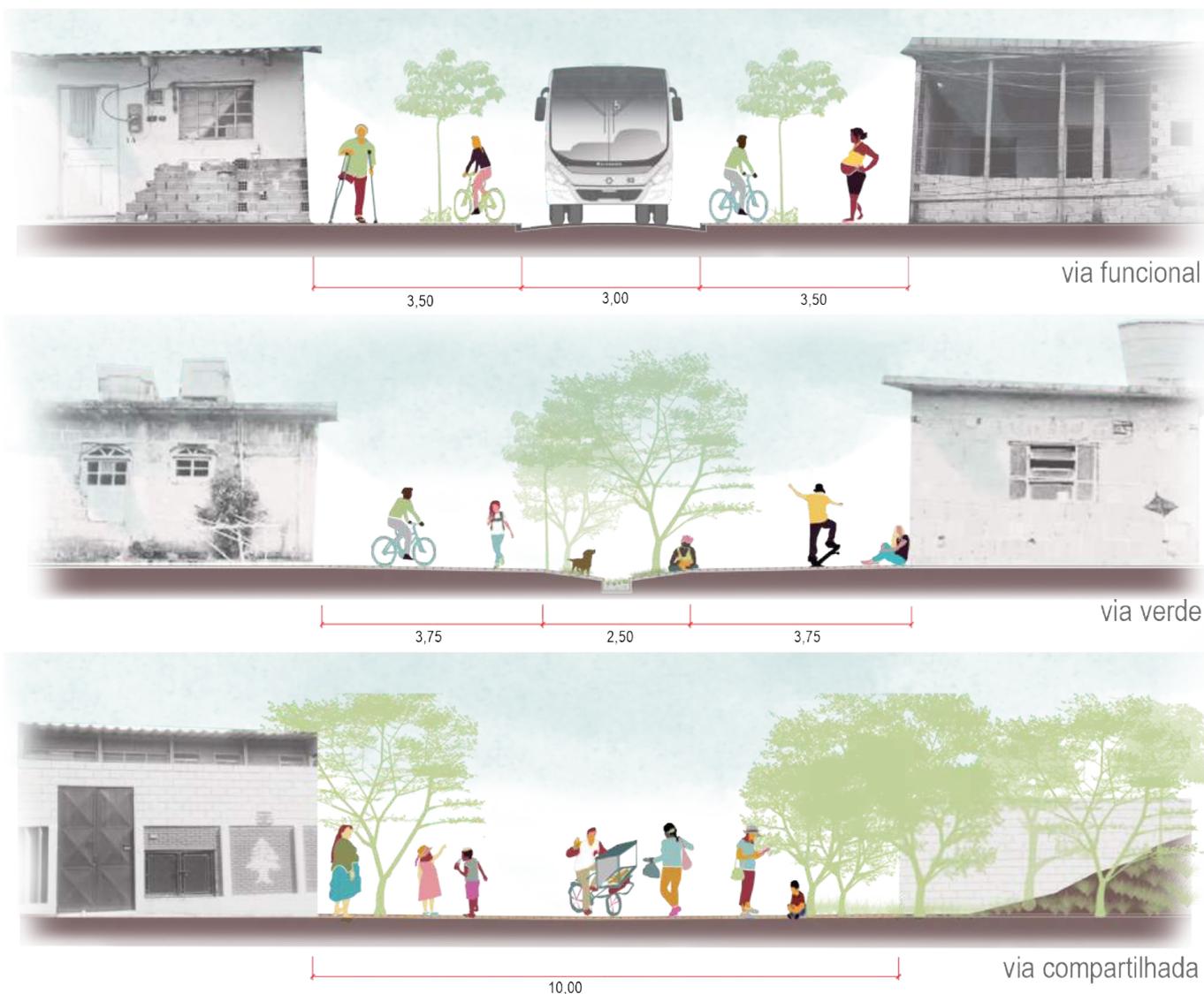


Figura 11 - Transporte Calhas Viárias

Para a escala do bairro foram identificados: as vias funcionais por onde passam as linhas dos bolsões de ônibus, as vias verdes, criando corredores permeáveis de vegetação e as vias

compartilhadas onde o pavimento é único tanto para pedestres como para veículos - dado que o transporte público eficiente é garantido, desestimulando o uso de carros individuais.

**PROPOSTAS APLICADAS NO JARDIM VERA CRUZ - ESCALA DE ABRANGÊNCIA**



Figura 12 - Escala de Abrangência

## Desejos Diretrizes

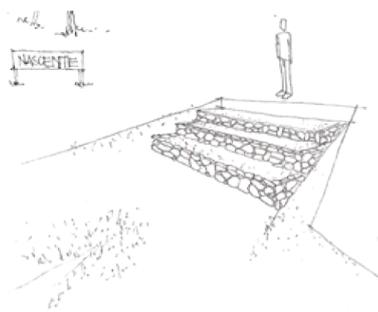
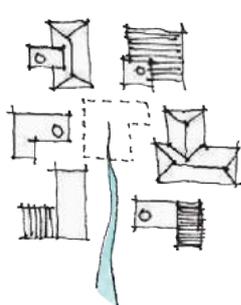
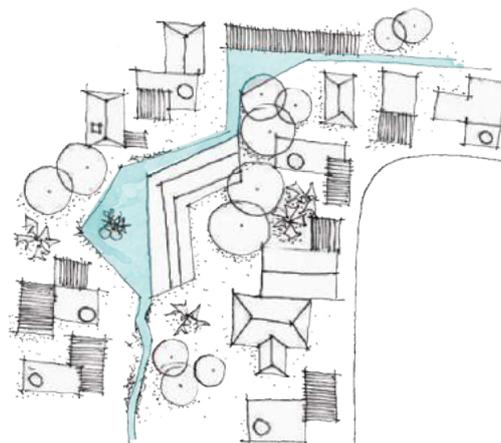
Dada a necessidade de qualificar a vida das pessoas da comunidade foram traçadas diretrizes que norteassem o projeto a fim de que as soluções implementadas causassem o menor impacto possível para a área de mananciais. As diretrizes são respostas para o suprimento de infraestrutura local de maneira alternativa ao

modelo implementado pelo poder público, ou seja, o trabalho critica a aplicação de soluções sem a perspectiva local. Desta forma algumas das diretrizes trabalhadas abordam as esferas da conquista do território ocupado, da infraestrutura (esgoto, resíduos, energia e transporte), da ressignificação dos espaços construídos, dos vazios e da água e da economia colaborativa.

## RESSIGNIFICAÇÃO DA ÁGUA



Limpar os rios  
Recuperar as nascentes

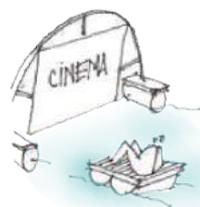


Rios

Aflorar as nascentes

Lazer e Contemplação

Cinema flutuante



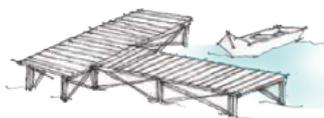
Pesca



Nado



Pier



Pedalinho



Mirante

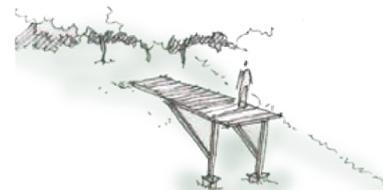
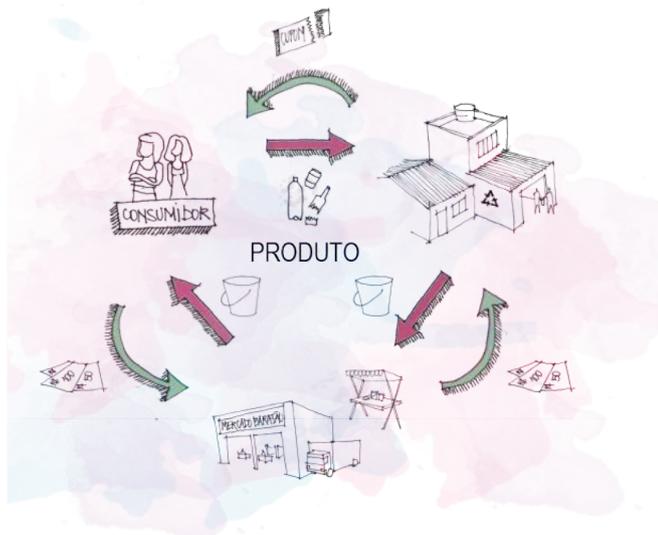
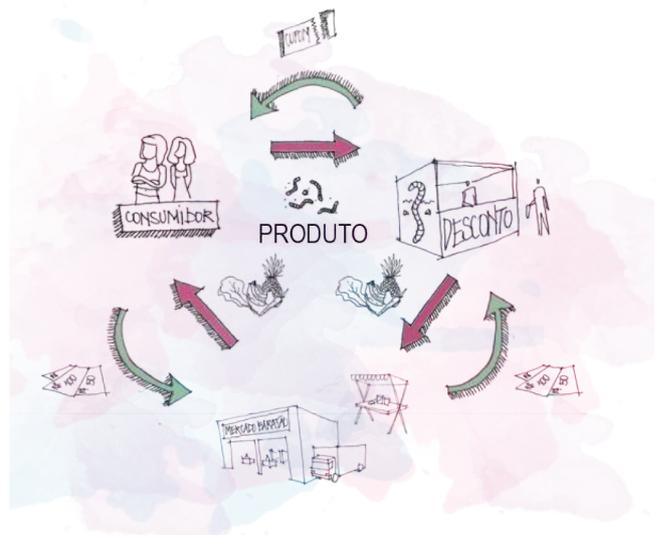


Figura 13 - Desejos Diretrizes Água

# ECONOMIA COLABORATIVA



SISTEMA DE TROCA DE RESÍDUOS



SISTEMA DE TROCA DE PRODUTOS RURAIS

Figura 14 - Desejos Diretrizes Economia

## RESSIGNIFICAÇÃO DAS VIELAS

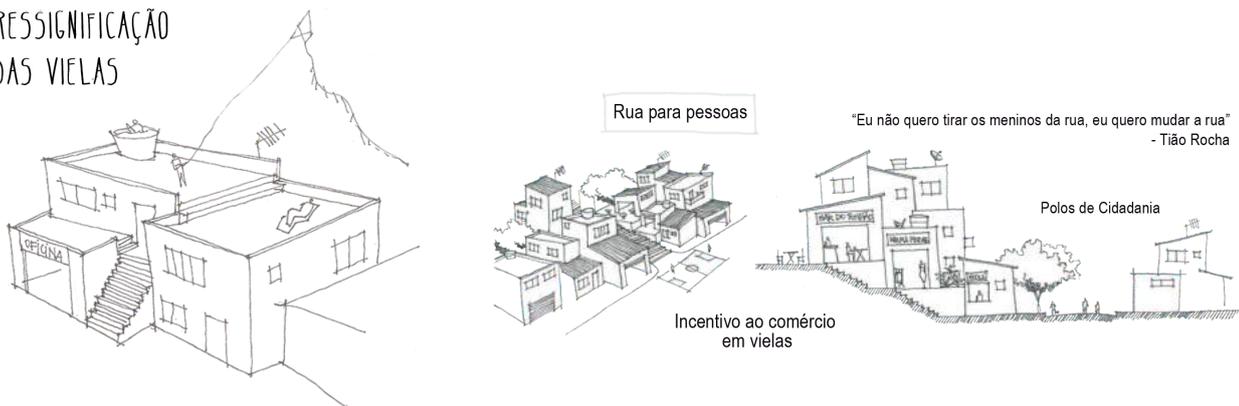


Figura 15 - Desejos Diretrizes Vias

## RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO CONSTRUÍDO

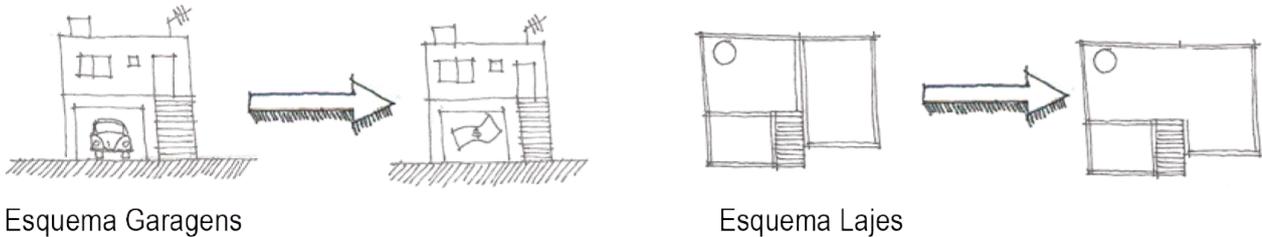
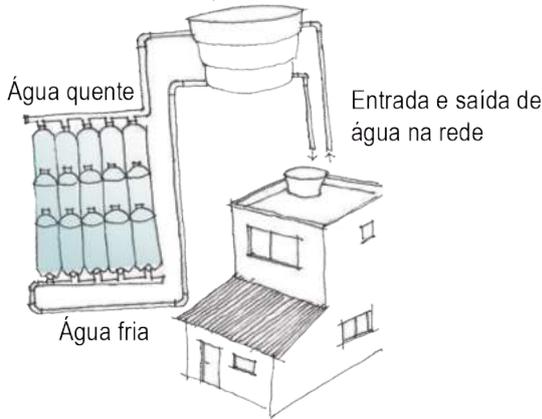


Figura 16 - Desejos Diretrizes e Espaço construído

# ENERGIA

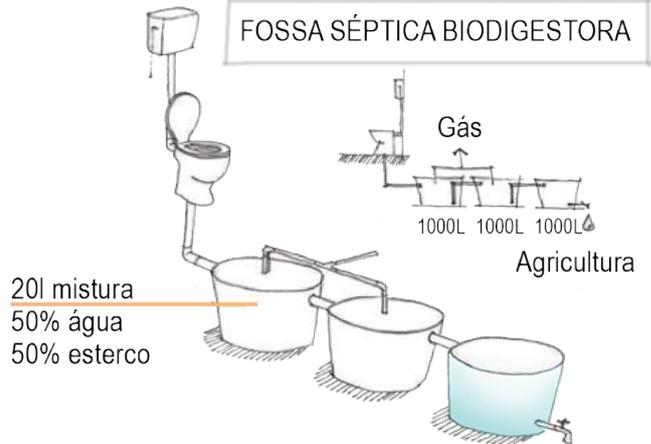
## Aquecedor solar de garrafa PET

Desenvolvido por José Albino em 2004



# ESGOTO

## FOSSA SÉPTICA BIODIGESTORA



## Tanque de Evapotranspiração

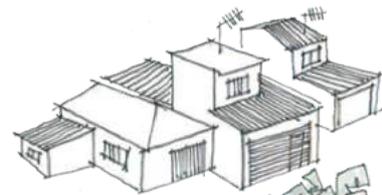
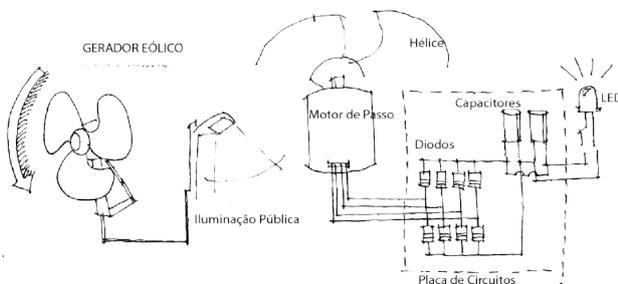
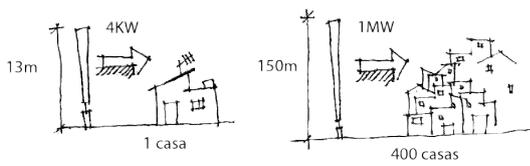
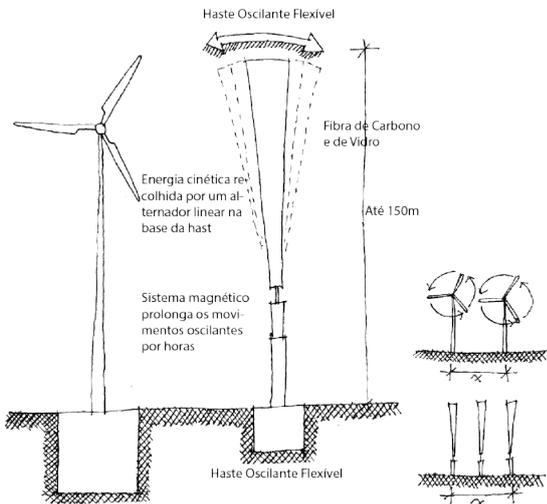
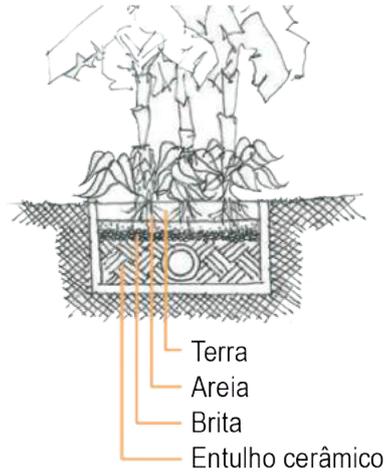


Figura 17 - Desejos Diretrizes Energia

Figura 19 - Desejos Diretrizes Esgoto I

## Wetlands/Jardins Filtrantes

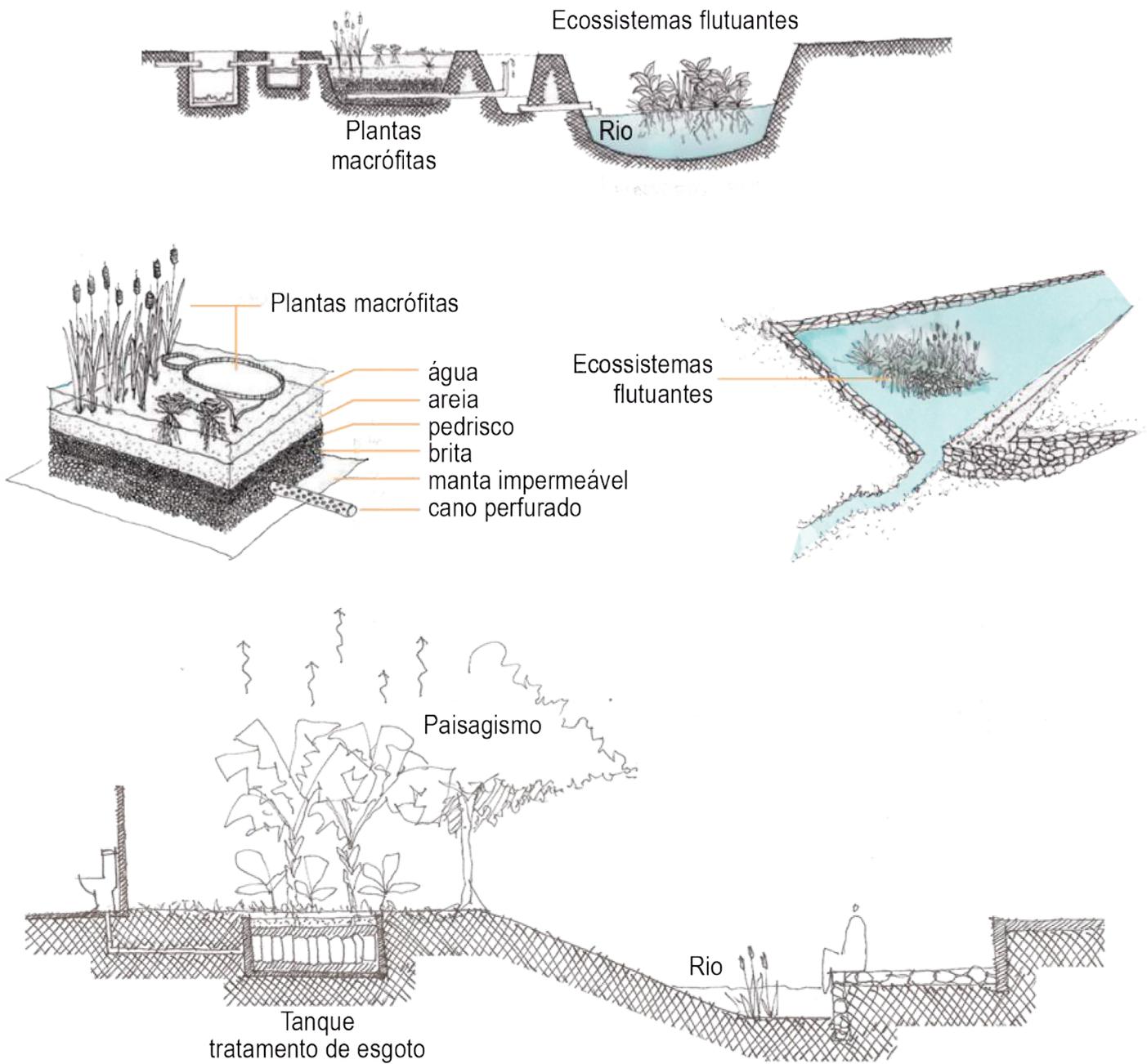


Figura 20 - Desejos Diretrizes Esgoto II

# RESÍDUOS

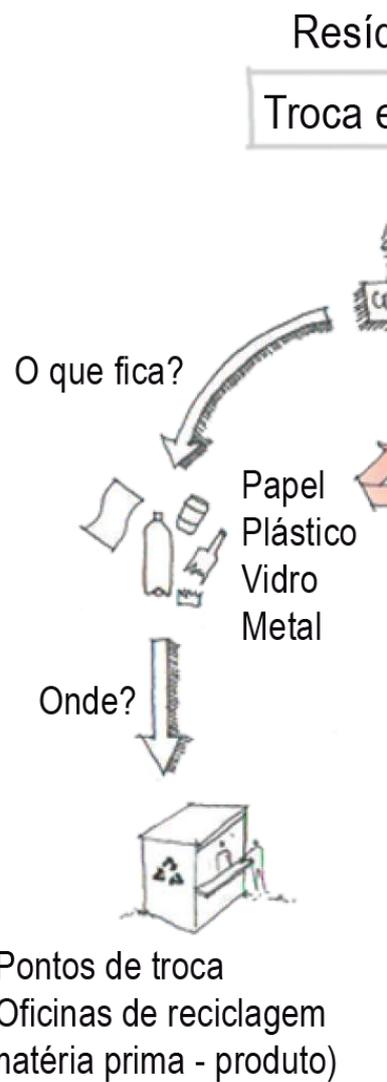
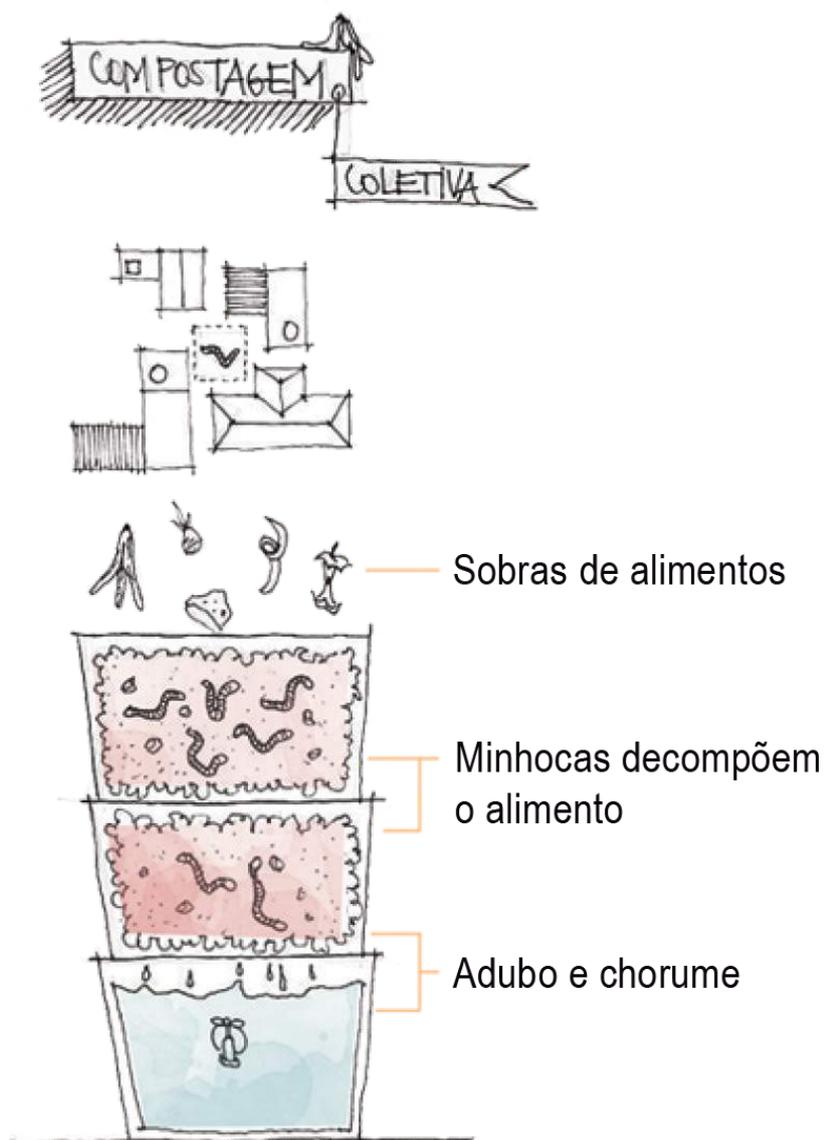


Figura 21 - Desejos Diretrizes Resíduos

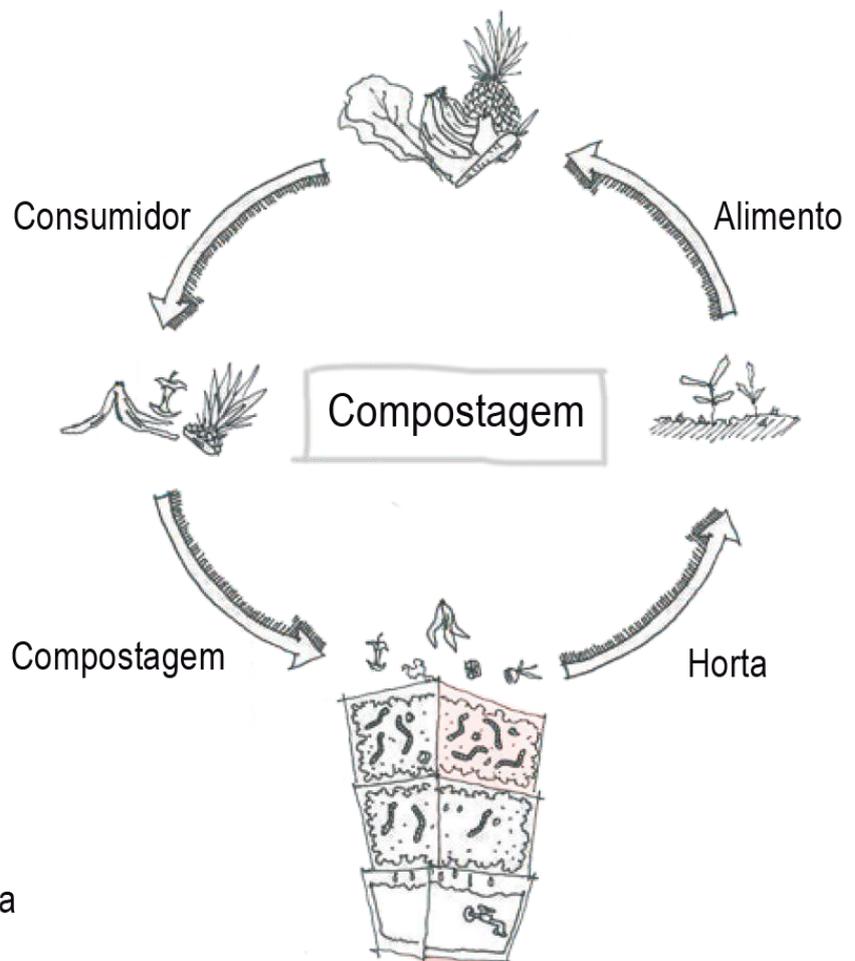
## Resíduos Sólidos

### Reciclagem

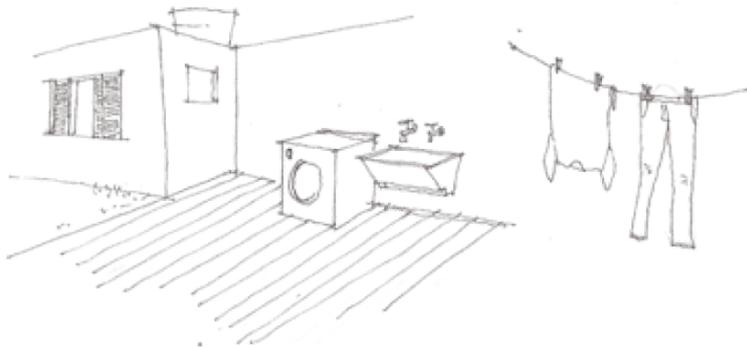
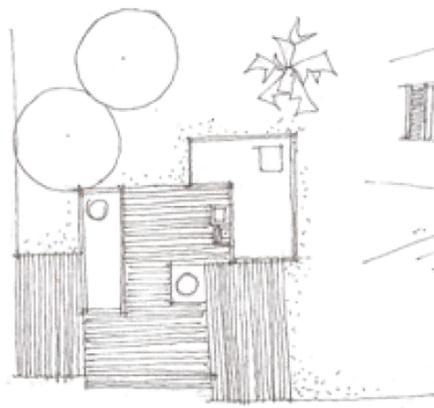


- Central de triagem mecanizada de santo amaro
- Estação transbordo ponte pequena
- Triportos (metrópole fluvial)

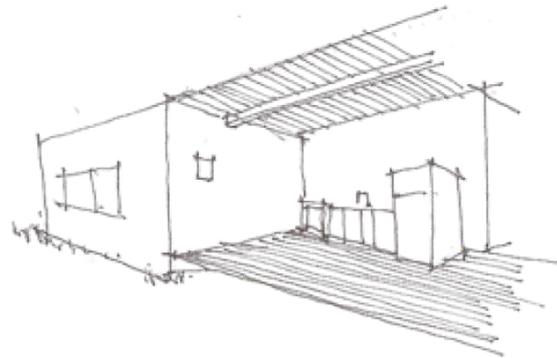
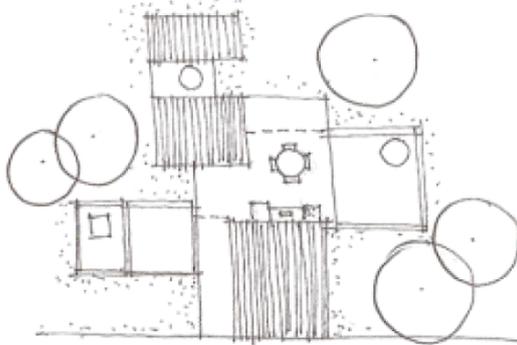
## Resíduos Orgânicos



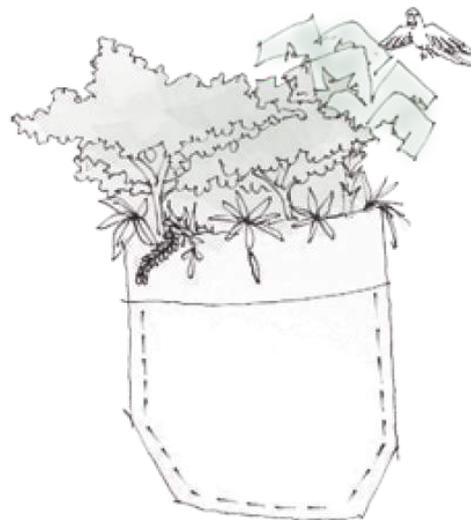
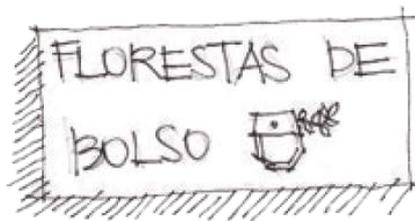
# RESSIGNIFICAÇÃO DOS VAZIOS



Lavanderia coletiva



Cozinha coletiva



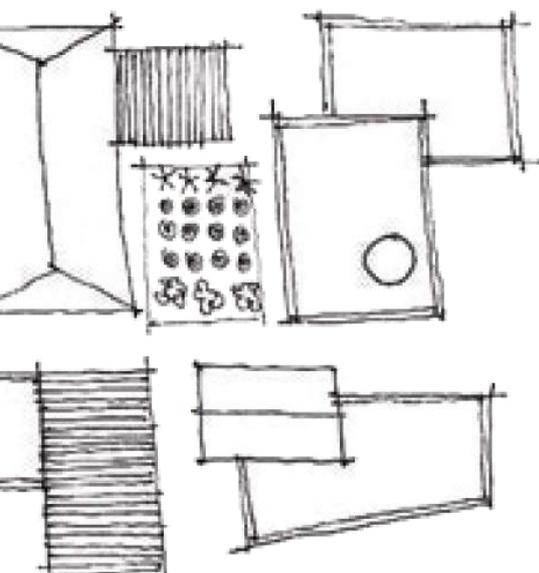
Regeneração de ecossistemas em escala micro

Figura 22 - Desejos Diretrizes Vazio

## Laisagismo Funcional



## Sistemas de vazios



## Recorte Exemplar

Para a aplicação em desenho dos desejos-diretrizes definiu-se um recorte exemplar próximo a CEI Vera Cruz, com importantes marcos locais, que após análise casa à casa foi dividido em três trechos denominados: o Território da Letra, a Cidade Brincante e o Espaço de Regeneração. O recorte urbano viabilizou um olhar mais aprofundado e diferente da escala regional, compreendendo assim as necessidades reais e as possibilidades diversas que cada lugar pode conter, fortalecendo ou resignificando as pré-existências. É sobre entendermos o território como um espaço coletivo, em um entendimento que vem da vontade de diluir a fronteira entre o que é público e o que é privado. De entendermos a importância e a necessidade dos vazios, pequenos ou grandes, respiros em meio a tanta dureza, para a estruturação de uma rede distribuída e resiliente. (Figuras 23, 24, 25, 26 e 27.)

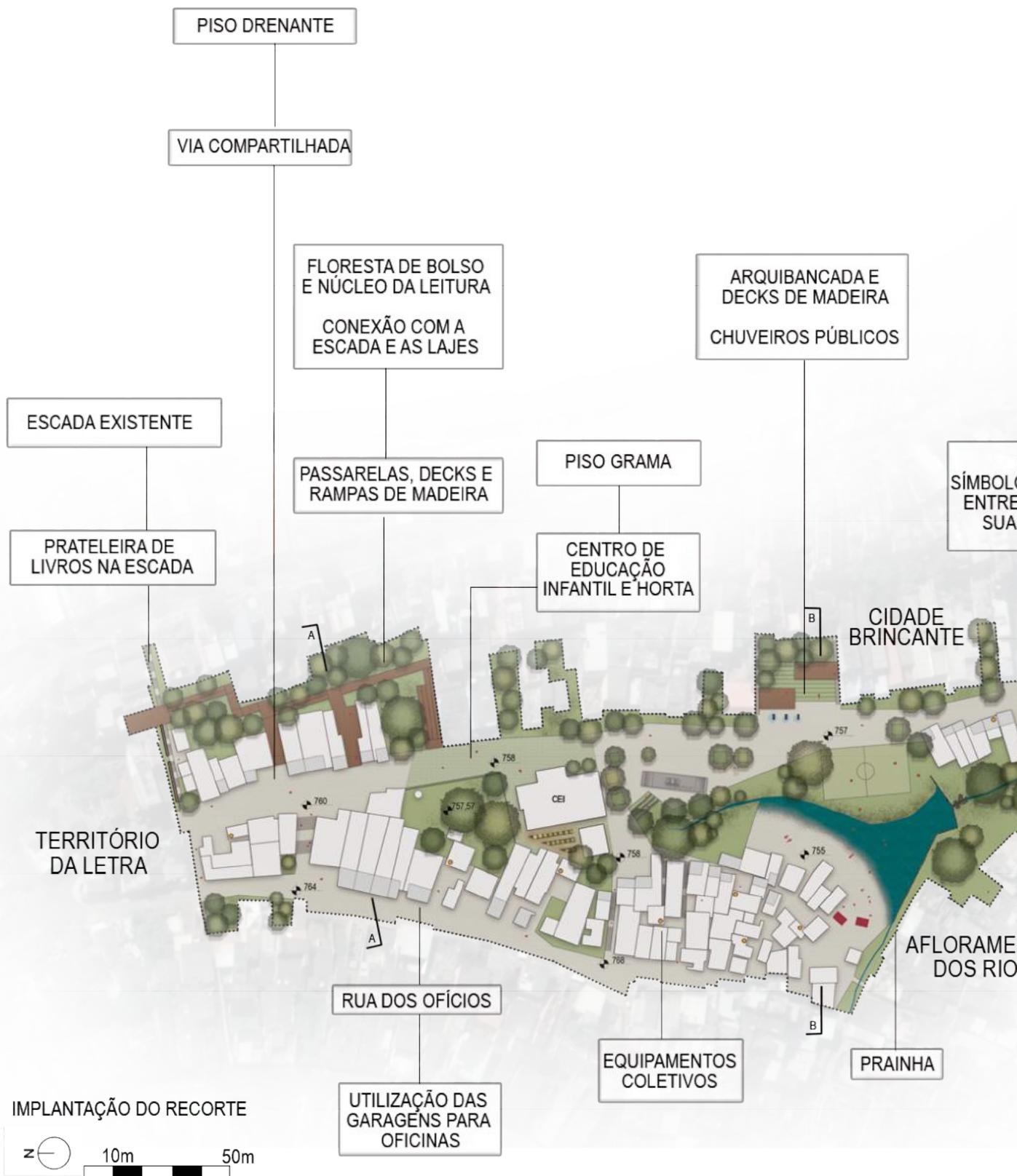
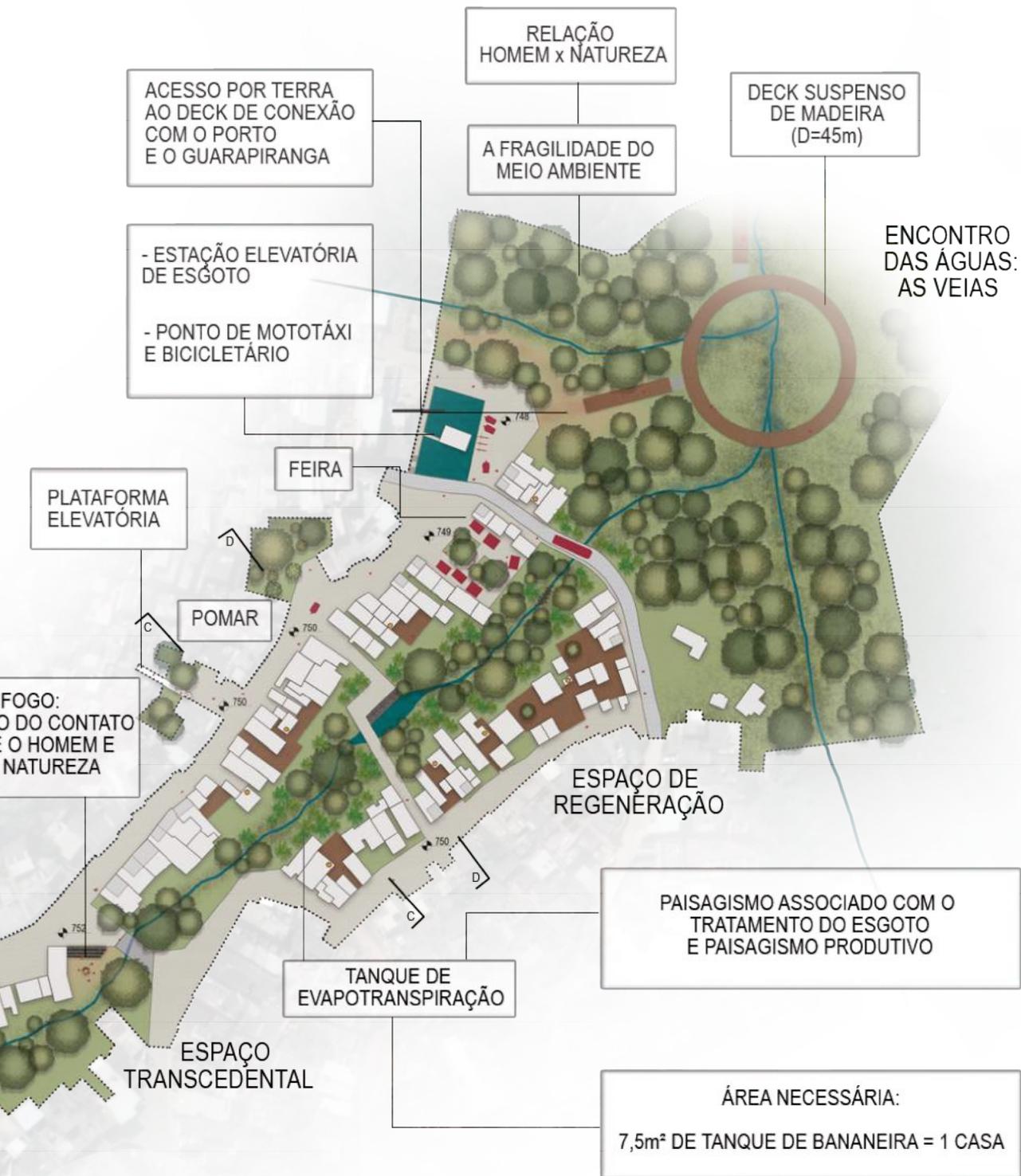


Figura 23 - Recorte Exemplar



NTOS  
S

- ..... LIMITE RECORTE
- PISO DRENANTE (VIA COMPARTILHADA)
- PISO DRENANTE (VIA ÔNIBUS)
- PISO GRAMA
- VEGETAÇÃO RASTEIRA

- TERRA BATIDA
- DECK MADEIRA
- GARAGENS
- ÁGUA
- EQUIPAMENTOS COLETIVOS

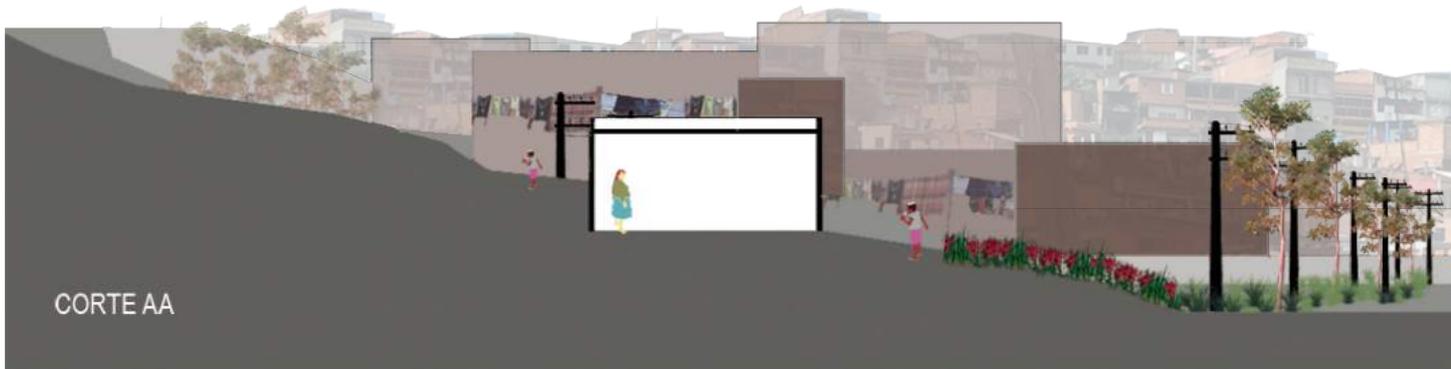


Figura 24 - Cortes Recorte Exemplar





## TRECHO A - TERRITÓRIO DA LETRA

Figura 25 - Imagens Trechos I



## TRECHO B - CIDADE BRINCANTE

Figura 26 - Imagens Trechos II



## TRECHO C - ESPAÇO DE REGENERAÇÃO

Figura 27 - Imagens Trechos III

Adriana Medeiros Pereira, Beatriz Chiacchio Michelazzo, Camila Borges de Oliveira, Danilo Pena Maia, Gabriel de Souza Ramires, Helder Ferrari, Isabelle Bertoloto Cocetti, Kaena Justo, Maria Clara de Oliveira Calil, Maria Kathelijne Vrolijk, Paloma Rodrigues, Pâmela Rodrigues Castro, Patricia Corrêa Desenzi, Priscilla Franco Guadaguini, Vivian Helena Peronti Procópio, Raissa Gattera Begiato  
Arquitetxs Urbanistas formadxs pela PUC Campinas

Prof Me. Antonio Fabiano Jr.  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Profª Drª Vera Santana Luz  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e PÓSURB + ARQ  
PUC Campinas

# CASA BRASIL

Um lugar para permane|ser|

*Permanecer. Continuar, durar, subsistir, perdurar, sobreviver, manter-se. Ficar, estacionar, estar. Persistir, seguir, insistir, perseverar.*

*Eis a proposta de um edifício acolhedor de refugiados e migrantes em situação de vulnerabilidade social, o qual busca atender às diversas demandas urbanas e sociais contemporâneas atreladas ao tema.*

*Localizado estrategicamente na Rua Jamil João Zarif, em Guarulhos/SP, o conjunto pretende oferecer qua-*

*lidade de vida e inserção aos migrantes, refugiados, visitantes e moradores da comunidade, combinando diferentes demandas sociais, educacionais e culturais.*

*O programa visa a criação de espaços de convivência, permanência e transição, que oferecem a prática cultural e interação social dos indivíduos.*

*Portanto, pretende-se que este trabalho ofereça um espaço de socialização atrelado a uma nova experiência arquitetônica e programática para a cidade, em vista de estimular a prática do multiculturalismo e o desenvolvimento urbano.*

**Carina Lima;  
Claudio Manetti**

## INTRODUÇÃO

### CONDIÇÃO

Individual ou coletiva, a mobilidade humana contemporânea é motivada por diferentes circunstâncias e fatores ligados, de algum modo, a uma sociedade complexa, mais marcada pelos desequilíbrios socioeconômicos, pela violência e intolerância do que pelo respeito à igualdade e à dignidade humana.

Os refugiados e migrantes, vulneráveis entre mais vulneráveis, são a crua expressão das desordens e desequilíbrios mundiais. Não querem deslocar-se, são compelidos ou constrangidos a tal. São homens, mulheres, idosos e crianças obrigados a deixar sua pátria por fundado temor de perseguição seja por motivos de raça, religião, nacionalidade ou opinião, seja pela própria violação de direitos e falta de proteção do seu Estado. “Liberdade de migrar, sim, mas não de fazer migrar”, denunciava Scalabrini, no final do século XIX.

## PROPOSTA

O crescimento da população migrante e refugiada é uma realidade mundial. Seguindo o caminho de países considerados desenvolvidos, o Brasil está em uma fase de transição quando analisada a política de assistência social que o país está desenvolvendo.

Embora a população migratória, seja esta nacional ou internacional, apresente um número menor se comparada à população consolidada, infelizmente hoje, não ocorre uma preparação para assistir a esta camada dos indivíduos. Há um caminho a ser traçado, seja este econômico e social, para que ocorra a recepção e orientação destes indivíduos.

Prevendo a possibilidade governamental de suprir esta demanda com uma política assistencialista, surge a busca por um espaço que atenda, acolha, eduque e oriente migrantes e refugiados em estado de vulnerabilidade social.

O projeto baseia a sua realização através de investimentos públicos e da automanutenção futura, através de contribuições financeiras simbólicas de

correntes das manifestações culturais, participações através de trabalho voluntário, e através do ciclo produtivo gerado pelas áreas de plantio do Plano Arco Baquirivú.

A diferenciação do programa se dá pelo fato do espaço não se limitar a um uso, mas sim por integrar diferentes demandas em um espaço.

A localização do projeto em um local o qual se encontra tanto na influência regional, como municipal, enfatiza a tentativa de inclusão desta população, permitindo sua mobilidade e diminuindo o isolamento perante à comunidade e à cidade.

O programa parte, portanto, de 03 premissas as quais norteiam o projeto: a chegada, a experiência e a comunidade. Tais conceitos representam os estágios de inserção à uma nova fase de inserção social do indivíduo recém-chegado: a chegada, a experiência e a comunidade.

A chegada demonstra a fase a qual o migrante busca por um espaço que o acolha inicialmente, apresentando instalações básicas para atendê-lo momentaneamente.

Experiências é a etapa que, neste contexto, permite que ocorra trocas e atividades entre o indivíduo e a comunidade, sejam estas trocas culturais, educacionais ou sociais, possibilitando o contato direto e diário de pessoas distintas.

Comunidade é o estágio consequente, o qual vai garantir a inserção social através da convivência diária com a comunidade e a cidade, e auxiliará na adaptação ao idioma e na inclusão no mercado de trabalho.

Desta forma, o edifício torna-se um espaço verdadeiramente compartilhado, o qual envolve escalas de diferentes demandas, onde não só migrantes e refugiados podem usufruir, como a escala urbana pela qual o edifício se instala, pode se apropriar do mesmo.

O programa também é pensado como um modelo a ser contemplado em demais áreas que recebam um número elevado de migrantes e refugiados, como um equipamento acolhedor para todas as idades, grupos sociais e culturas, abrigando instalações que incorporem os valores da igualdade de acesso à cultura, educação e recursos que são essenciais para construir e fomentar comunidades.

## ACOLHIDA

Visto que o terreno se encontra em um importante eixo de ligação da malha urbana, há uma busca

pela permeabilidade para quadra proposta. Dessa forma, a proposta do projeto é de atuar nesse espaço, conectando a projetos e fluxos através de um equipamento que propicie um novo espaço requalificado como ponto de encontro e convivência à cidade.

Conseqüentemente, por intermédio da movimentação de pessoas os espaços são (re)ativados, estimulando um novo desenho de permanência e sensação de segurança.

Sendo assim, o partido do projeto nasce com a concepção do térreo em dois níveis, através de uma praça rebaixada que busca ser a extensão da calçada para dentro do projeto; e a implantação se configura em dois blocos que seguem o alinhamento longitudinal do terreno, permitindo a permeabilidade do térreo para o pedestre, e oferecendo espaços de convívios distintos espacialmente.

A implantação do projeto Casa Brasil se deu por dois volumes os quais distinguem-se entre si pelos diferentes usos, no entanto, se conectam pelo pavimento inferior, a praça rebaixada, a qual contempla espaços coletivos e se torna a extensão do térreo.

Para tanto, os espaços de transição procuram relacionar os dois volumes, induzindo pedestres, alunos, visitantes e residentes, a caminharem pelo espaço, ora para realizar atividades contempladas na quadra, ora como fluxo de passagem.

O visitante é atraído para a quadra a partir do térreo, de livre acesso, o qual possui espaços para acolhimento do migrante recém-chegado, um pavilhão coberto o qual recepciona e torna-se espaço para manifestações e apresentações, um espaço contemplativo e o ensino de idiomas.

Uma vez na quadra, a espacialização do programa, convida os usuários a conhecerem, se interessarem, e desbravarem mais momentos da Casa Brasil.

O pavimento superior acolhe migrantes e refugiados, a partir de infraestruturas básicas que podem ser usufruídas por certo tempo, estima-se até 3 meses, ou até tais usuários serem realocados (por meio de programas públicos de assistência social) para uma habitação de longo prazo.

A praça rebaixada, torna-se primeiramente o fluxo de passagem entre o PAM (Ponto de Apoio Intermodal) e o projeto CITA (Centro de Inserção à Tecnologia e Artes), porém tal eixo se decompõe através da inclusão de programas coletivos, os quais visam a atenção dos usuários e os chamam para adentrar à quadra. Tais programas contemplam um refeitório popular, salas de apoio profissional e um auditório.

## CONSIDERAÇÕES

De um espaço de chegada e exibições culturais, incorporou-se uma escola de idiomas, o que mais para frente, mostrou-se de extrema necessidade a adição de dormitórios temporários para os indivíduos em situação de vulnerabilidade social.

Além de questões técnicas de projeto, o grande desafio enfrentado no trabalho foi a incorporação de questões culturais e educacionais de forma coerente e qualitativa ao projeto.

A partir deste momento, o projeto passou a ser lapidado através de traçados que buscam levar a todos os espaços, situações e espaços que cumpram a real motivação de seu esboço.

Carina Lima é Arquiteta Urbanista  
PUC Campinas

Prof. Dr. Claudio Manetti  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
PUC Campinas